



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

LUÍS EDUARDO MEIRA DE ANDRADE

**RELATÓRIO DA REPORTAGEM
MULTIPLATAFORMA À LUZ DO JORNALISMO
LITERÁRIO:
OS GUARDIÕES DA IGREJA SÃO
FRANCISCO**

JOÃO PESSOA
2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A553r Andrade, Luís Eduardo Meira de.

Relatório da reportagem multiplataforma à luz do jornalismo literário : Os Guardiões da Igreja de São Francisco / Luís Eduardo Meira de Andrade. - João Pessoa, 2020.

75 f. : il.

Orientação: Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo literário. 3. Igreja de São Francisco - Paraíba. 4. Reportagem multiplataforma. 5. Jornalismo cultural. I. Carvalho, Zulmira Nóbrega Piva de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 070(043)

LUÍS EDUARDO MEIRA DE ANDRADE

**RELATÓRIO DA REPORTAGEM
MULTIPLATAFORMA À LUZ DO JORNALISMO
LITERÁRIO:
OS GUARDIÕES DA IGREJA SÃO
FRANCISCO**

Relatório crítico-reflexivo sobre o produto jornalístico apresentado à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, como requisito necessário à obtenção do Grau de Mestre em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho

JOÃO PESSOA
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA | UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES | CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO | PPJ



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos quinze dias do mês de dezembro de 2020, às 15 horas, foi realizada, por videoconferência, através da plataforma Google Meet®, pelo endereço eletrônico <https://meet.google.com/yjb-cogc-ozt>, em sessão pública, Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado do aluno **LUÍS EDUARDO MEIRA DE ANDRADE**, sob a matrícula **20191000067**, cuja pesquisa intitula-se “**RELATÓRIO DA REPORTAGEM MULTIPLATAFORMA À LUZ DO JORNALISMO LITERÁRIO: OS GUARDIÕES DA IGREJA SÃO FRANCISCO**”, para obtenção do título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

AVALIAÇÃO:

(X) Aprovado(a) () Reprovado(a) () Insuficiente

As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta Ata.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dra. ZULMIRA NÓBREGA PIVA DE CARVALHO
Presidente

Profa. Dra. PATRÍCIA MONTEIRO CRUZ MENDES
Examinadora Interna

Profa. Dra. JULIANA COLUSSI
Examinadora Externa ao Programa

Observação: A presidência da Comissão certifica a presença dos demais membros.

*A todos os pesquisadores, professores e
estudantes que se dedicam a promover a
Ciência no Brasil.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, João Luís e Valéria Meira, por terem sido meu norte, minha força e terem me dado, desde sempre, todas as melhores condições possíveis para estudar em uma escola boa, frequentar uma universidade e, hoje, tornar-me Mestre.

Ao meu irmão, Pedro Meira, pelo apoio, pela revisão final no produto deste trabalho e por toda parceria de uma vida.

A minha noiva, Vanessa Moraes, pela paciência, pelo amor e por dividir todas as angústias desse processo doloroso mas muito gratificante que foi produzir este trabalho. Com ela, divido minhas aflições, mas principalmente minhas alegrias.

A minha orientadora, Zulmira Nóbrega, que ajudou a tornar esta tarefa um pouco menos dura e árdua. Pelos puxões de orelha, pelas orientações e pelos sorrisos.

A todos os funcionários do Centro Cultural São Francisco e os demais personagens desta reportagem que se dispuseram a abrir um pouco de suas histórias para que, juntas, formassem essa grande reportagem. Meu sincero obrigado a todos.

Aos demais amigos e colegas que também, de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização deste trabalho.

A Universidade Federal da Paraíba e a todos os servidores que fazem parte dessa instituição. Foi dentro dos muros da UFPB que meus pais tiraram o sustento de uma vida, e foi dentro desses muros que eu e meu irmão terminamos uma graduação e um mestrado sem tirar um centavo do bolso. Viva o ensino público gratuito e de qualidade!

A Deus, por intercessão de Nossa Senhora de Fátima e de São José, por ter me dado tranquilidade, paciência e sido meu chão, meu caminho e meu norte durante toda a minha vida. Sem Ele, nada sou.

*Entrega teu caminho ao Senhor, confia nEle, e
Ele o fará (Salmos 37,5)*

RESUMO

O presente trabalho relata a construção da web reportagem intitulada “Os guardiões de São Francisco”, construída à luz do Jornalismo Literário, tendo como principal objeto o Centro Cultural São Francisco, uma construção eclesial datada do século XVI, que tem relação direta com a cidade de João Pessoa, capital da Paraíba. Este trabalho objetiva produzir um conteúdo que traga uma abordagem diferente a um tema já costumeiramente explorado por diversos canais de comunicação. Para tanto, aplica recursos jornalismo literários, jornalismo multimídia, jornalismo multiplataforma e webjornalismo para promover uma experiência jornalística singular e complexa. Aplica os princípios do Novo Jornalismo que refere-se à produção jornalística de caráter literário voltada para fatos cotidianos, especialmente na perspectiva de Talese (1980) a saber, a construção de cenas, descrição detalhada e humanização dos personagens. Ao mesmo tempo, em que utiliza, tanto na forma como no conteúdo dos fundamentos do jornalismo multiplataforma e webjornalismo Canavilhas (2014), como a multimidialidade, a interatividade e a hipertextualidade. O relatório detalha os procedimentos selecionados para produção da reportagem construída através dos relatos de cinco personagens que têm relação com o lugar: o diretor do Centro Cultural, a administradora de uma das capelas, um guia turístico, um ex-aluno e um flanelinha.

PALAVRAS –CHAVE: Jornalismo Multiplataforma; Jornalismo Literário; Webjornalismo; Centro Cultural São Francisco

LINK PARA REPORTAGEM: <https://luisjppb.wixsite.com/osguardioes>

ABSTRACT

The present work reports the construction of the web report entitled “The guardians of São Francisco”, built in the light of Literary Journalism, having as main object the São Francisco Cultural Center, an ecclesial construction dating from the 16th century, which has a direct relationship with the city João Pessoa, capital of Paraíba. This work aims to produce content that brings a different approach to a theme that is usually explored by different communication channels. To this end, it uses literary journalism, multimedia journalism, multiplatform journalism and web journalism resources to promote a unique and complex journalistic experience. It applies the principles of New Journalism which refers to the journalistic production of a literary character focused on everyday facts, especially in the perspective of Talese (1980), namely, the construction of scenes, detailed description and humanization of the characters. At the same time, in which it uses, both in the form and in the content of the foundations of multiplatform journalism and webjournalism Canavilhas (2014), such as multimedia, interactivity and hypertextuality. The report details the procedures selected for the production of the report constructed through the reports of five characters who are related to the place: the director of the Cultural Center, the administrator of one of the chapels, a tour guide, an ex-student and a car keeper.

KEYWORDS: Multiplatform Journalism; Literary Journalism; Webjournalism; São Francisco Cultural Center

LINK TO PRODUCT: <https://luisjppb.wixsite.com/osguardioes>

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Manchete de reportagem do Portal Click PB	47
Figura 2 - Manchete do site Turismo ETC	48
Figura 3 - Manchete do Portal G1 Paraíba	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 JORNALISMO: NARRATIVAS HÍBRIDAS E CONVERGÊNCIAS	17
2.1 AS MULTIPLATAFORMAS DO JORNALISMO	17
2.2 WEBJORNALISMO: OS SETE ELEMENTOS	20
2.3 JORNALISMO MULTIPLATAFORMA E/OU/COM WEBJORNALISMO	28
2.4 JORNALISMO LITERÁRIO, SEMPRE	30
2.4.1 Construindo cenas	32
2.4.2 Situando o jornalismo literário brasileiro e paraibano	34
2.4.3 Jornalismo literário chega na web	38
2.5. APROXIMAÇÕES ENTRE O JORNALISMO E A HISTÓRIA	39
2.5.1 Do papiro às telas do celular	40
2.5.2 O enfraquecimento do jornalismo cultural	44
2.5.3 A exposição do Centro Cultural São Francisco na mídia	46
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	50
3.1 PRÉ-PRODUÇÃO	51
3.2 PRODUÇÃO	53
3.3 PÓS-PRODUÇÃO	56
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICE 1 – Texto da reportagem	65

1 INTRODUÇÃO

O Centro Cultural São Francisco foi uma das primeiras estruturas de concreto a serem erguidas nas terras onde hoje se localiza a cidade de João Pessoa. Poucos anos após a fundação da Cidade Real de Nossa Senhora das Neves, o então Mosteiro de Franciscanos começou a ser construído. A obra completa só foi finalizada mais de 200 anos depois e desde então, o complexo religioso-cultural guarda marcas da passagem do tempo e figura como um dos principais pontos turísticos da capital paraibana.

O local onde hoje se encontra o Centro passou por diversas transformações físicas e já foi utilizado para diversas funções. A primeira delas foi a de mosteiro para os frades Franciscanos, em seguida, virou um Centro Franciscano, passou a ser seminário para formação de padres e foi até uma escola. Os muros do Centro Cultural já resistiram a diversas transformações e reformas, inclusive escapou de ser demolido no século XIX para que fossem abertas ruas na região central da cidade. Apesar de todos estes processos, o complexo resistiu. E essa resistência vem graças a diversos guardiões que se propõem diariamente a preservar estes muros.

Na maioria das reportagens que são escritas e publicadas sobre o Centro Cultural São Francisco, o texto concentra-se nos edifícios, nas obras de arte, nas pedras e nas paredes. Em sua maioria, como será analisado posteriormente no presente trabalho, as matérias jornalísticas que têm o Centro como objeto excluem as pessoas que fazem parte da história do local. As personagens são apresentadas como meras fontes de informações sobre a história daquele local.

Diante disso, surgiu a necessidade de entender quais são as pessoas que fazem o Centro Cultural São Francisco funcionar até os dias de hoje, mesmo diante de tantas transformações. São pessoas que contribuem e contribuíram significativamente para preservação e resistência não somente das paredes do local, mas de tudo o que ele representa, como símbolo da cidade. Foi necessário dar voz às pessoas que muitas vezes servem apenas como enfeites e adornos do Centro Cultural. Sentimos a necessidade de ouvir o que estas pessoas têm para contar e qual a real relação delas com o ambiente em que estão inseridas. Os indivíduos deixam de ser fontes e tornam-se personagens de suas próprias histórias.

A humanização dos personagens foi fundamental para o resultado final do produto. E para fazer a transformação destas pessoas de fontes de informação para personagens reais de uma história, foi necessário entender e trabalhar a subjetividade do texto e das experiências das pessoas. Desta forma, foram construídas cenas com acontecimentos reais destes

indivíduos que têm relação direta com o objeto principal do estudo. Para Gushiken e Pereira (2017), “O humano atravessa o centro da narrativa e da realidade depurada pelo jornalismo. A humanização na reportagem literária não é um desvio da matéria jornalística, mas atravessa a ideia mesma de narrativa”. Esta abordagem traz ainda um objetivo de identificação do próprio leitor. Ao perceber a importância dada pelo autor do texto àqueles seres humanos, que, a partir de suas próprias histórias, se mostram iguais ao leitor, o engajamento de quem interage com a reportagem é muito maior, afinal, pessoas se relacionam com pessoas. Para Lima (2014), no *Jornalismo Literário*, o leitor tem a possibilidade de descobrir a si mesmo entre as linhas do texto.

A personagem figura como elemento fundamental de composição da obra, o qual, por processo de transposição, insere o leitor no universo do imaginário. Representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificação. Ao darmos destaque às pessoas, conseguimos com que o leitor se identifique com elas. [...] E se o leitor se identifica com os personagens das nossas histórias, tem a oportunidade de descobrir nelas alguma coisa sobre si próprio. (LIMA, 2014, p. 24).

O objetivo de transformar as fontes em personagens faz com que o leitor encontre valor naquelas pessoas simplesmente por elas serem quem são e pelas experiências que elas viveram e estão dispostas a compartilhar. O valor do ser humano que se abre para falar não está no que ele sabe a respeito do Centro Cultural São Francisco ou do que ele ouviu falar sobre o complexo, mas pelo que ele viveu e pelo que ele viu com os próprios olhos.

O texto ainda faz uma breve análise sobre a importância artística e cultural do Centro Cultural São Francisco. Todo o complexo arquitetônico foi tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) no ano de 1952. Esta condição lembra que o local representa grande valor artístico e cultural para toda a sociedade, e faz com que as autoridades públicas tenham a obrigação por direito de preservá-lo.

Ao todo, duas capelas principais compõem o Centro Cultural. A primeira delas: a de Santo Antônio. É possível observar os azulejos portugueses originais que ficam nas laterais da capela. Por sinal, são os mesmos encontrados nas paredes do pátio de entrada. Além disso, a capela conta com as tradicionais pinturas no teto da nave principal da igreja. Todas as estruturas da capela são no estilo barroco, tradicional do período em que foi construída. Apesar das reformas ao longo do tempo, a maioria da estrutura original segue intacta, com exceção de um detalhe: o altar. A mesa original era feita em madeira e acabou pegando cupim, então, foi colocado um outro altar, que, aqui entre nós, destoa completamente da decoração original. Mas a beleza desta capela está reservada na lateral. A maioria das

esculturas e estruturas das capelas foi construída por índios e escravos africanos, que faziam questão de colocar detalhes de suas próprias culturas esculpidas nas obras de arte, como cocares indígenas e frutas da região.

A capela de São Francisco é administrada pela Ordem Terceira dos Franciscanos e foi construída posteriormente, tendo um estilo arquitetônico híbrido. É possível observar tendências barrocas e da vanguarda brasileira do Rococó. As janelas da capela de São Francisco dão a vista para o Rio Sanhauá e para o pátio dos fundos do Centro Cultural, onde existe a fonte de Santo Antônio, construída na primeira fase de obras do Mosteiro e que jorra água até os dias de hoje.

Dentre muitas mudanças, o Centro Cultural já funcionou como seminário para padres, museu, galeria de arte, local para circo e até escola. Apesar de tantas transformações, o local segue vivo e funciona como um verdadeiro livro de história da cidade de João Pessoa e da própria Paraíba, pois afinal, o complexo foi uma das primeiras construções a serem erguidas neste território.

Entretanto, esta discussão técnica e burocrática é apenas uma das camadas a serem abordadas no texto. O principal relato de preservação e cuidado com o bem histórico-cultural não vem de institutos e gabinetes, mas dos próprios indivíduos. A grande reportagem “Os guardiões de São Francisco” mostra como pessoas comuns, com histórias de vida, defeitos, compromissos e dificuldades acabam dedicando uma significativa parte de sua dia a contribuir com a preservação do Centro Cultural São Francisco.

Em face disso, o presente trabalho busca entregar a história do local através de um olhar particular. Nesse sentido, elaboramos a reportagem “Os guardiões de São Francisco”, mostrando detalhes e histórias que se escondem atrás dos muros do Centro Cultural através da vida de personagens que se confundem com o próprio local.

A motivação em construir o texto à luz do Jornalismo Literário surgiu através da necessidade de um produto jornalístico que abordasse o objeto em questão com outra abordagem, que fugisse das resenhas turísticas e das reportagens rasas que tratam dos horários de funcionamento do local. Ao produzir uma reportagem à luz do Jornalismo Literário, temos como principal objetivo estreitar os laços entre a linguagem ficcional e o texto jornalístico. Ao utilizar a estética literária em uma grande reportagem, temos como objetivo fazer com que a realidade dos fatos ganhe uma roupagem diferente do texto jornalístico padrão. Subverter o tradicional 'lide' e a pirâmide invertida, mantendo os critérios jornalísticos são os principais objetivos de produzir uma reportagem à luz do Jornalismo Literário.

Este relatório técnico tem por objetivo fundamentar teoricamente o produto desenvolvido. Inicialmente, serão abordadas as temáticas relacionadas à estrutura técnica da grande reportagem. Tratando-se de uma reportagem multiplataforma, surgiu a necessidade de introduzir os conceitos de webjornalismo, de jornalismo multiplataforma e principalmente as suas diferenças. Em seguida, o texto atenta-se às teorias relacionadas ao conteúdo do texto, focando principalmente na construção do mesmo, que foi feita através de técnicas de Jornalismo Literário, a fim de criar uma estrutura de romance não-ficcional, baseada nos estudos de Wolfe (1973), Talese (2004) e principalmente Truman Capote (1975), expoente deste gênero literário-jornalístico. Além disso, elaboramos um capítulo sobre o Jornalismo Histórico para fundamentar as abordagens históricas realizadas na grande reportagem e conseqüentemente a consolidação do jornalista como fonte histórica e de preservação da memória através do texto. Por fim, foi explanada a metodologia aplicada à produção da grande reportagem, passando desde a escolha dos elementos gráficos e textuais até a descrição dos materiais utilizados para produzir o conteúdo.

A reportagem multiplataforma tem um caráter essencialmente interativo. Através das ferramentas e instrumentos disponibilizados pelos recursos digitais, é possível produzir um conteúdo atrativo e que engaje os leitores com o texto em questão. Diante disto, tivemos como objetivo produzir uma matéria jornalística multiplataforma a fim de promover uma interação real do leitor com o conteúdo, bem como fazer com que o produto final ficasse disponível de forma amplamente acessível. Um dos princípios do webjornalismo é justamente a ubiquidade, ou seja, a capacidade do conteúdo produzido nas plataformas digitais estar disponível em todos os lugares e em todas as plataformas.

Para Ana Paula Goulart Ribeiro (1996), o Jornalismo funciona como legitimador e construtor da memória. Rodrigo Alsina (2009) também enxerga o jornalista como um construtor da realidade dos leitores. Diante disto, a produção da reportagem "Os guardiões de São Francisco" tem um objetivo histórico de preservação da memória do Centro Cultural São Francisco. Após análise dos materiais jornalísticos produzidos anteriormente, constatou-se a necessidade de construir uma reportagem histórica que servisse como um documento histórico da trajetória do complexo cultural-religioso, bem como das personagens que compõem o produto.

Como pessoense de nascença e criação, tive uma motivação pessoal no desenvolvimento deste trabalho. O Centro Cultural São Francisco é mais do que um ponto turístico para os que habitam nesta cidade. Cenário de casamentos, fotos de formatura e

excursões com as escolas da Capital, é difícil encontrar alguém que não tenha ao menos pisado no pátio principal do complexo. Por esse motivo, é natural a alavanca para produção da determinada reportagem, visto que trata-se de um objeto popular, instigante e que traz um sentimento de pertencimento aos que aqui habitam e de curiosidade aos que não conhecem o Centro Cultural São Francisco. Em um dos capítulos seguintes explicaremos melhor a presença do Centro na mídia paraibana e os conteúdos que foram produzidos tendo o complexo turístico-religioso como objeto, entretanto, foi possível notar que a maioria dos textos produzidos têm três vertentes principais: informativos, históricos e turísticos. Importante ressaltar que em todas as reportagens analisadas, as informações colocadas pelos produtores do conteúdo são, em sua maioria, rasas e com pouca diversidade de fontes. Em face desta escassez de conteúdo qualificado e diversificado é que surge a necessidade de produzir a grande reportagem “Os guardiões de São Francisco”.

Diante disto, o objetivo geral do presente trabalho é produzir um produto jornalístico que traga uma abordagem diferente a um tema já costumeiramente explorado por diversos canais de comunicação. É dar o devido reconhecimento a um dos principais pontos turísticos da capital paraibana e, conseqüentemente, produzir uma grande reportagem que traga o sentimento de pertencimento aos pessoense, encantamento aos que moram em outras cidades e sirva como um documento histórico da trajetória tanto dos personagens explorados na reportagem quanto do Centro Cultural São Francisco.s

2 JORNALISMO: NARRATIVAS HÍBRIDAS E CONVERGÊNCIAS

O jornalismo é um filho direto da Revolução Francesa, da modernidade, e que ao longo de 231 anos de existência experimentou várias transformações como técnicas, linguagens e ambiências, e conforme aponta Ciro Marcondes Filho (2000, p. 7) “provocou verdadeiras revoluções na maneira de ver, sentir e vivenciar o mundo”. Neste capítulo nos preocuparemos especialmente em abordar o jornalismo na contemporaneidade, ao experimentar formatos literários de apresentar os fatos a serem distribuídos por diferentes plataformas. Esta hibridez de linguagem, meios e plataformas de diferentes naturezas, até onde podemos perceber, tem auxiliado a construção de narrativas no Jornalismo, tais características multimídia visa oferecer aos leitores diferentes maneiras e plataformas de consumir seu conteúdo, o qual é articulado entre redes sociais específicas para áudios, vídeos, imagens e textos e o site principal.

Faz-se necessário discutir estas temáticas pela relação direta com o presente trabalho, visto que estamos tratando de uma grande reportagem multiplataforma à luz do Jornalismo Literário. A hibridicidade do produto em funcionar tanto como um texto literário como uma reportagem interativa é o que motiva a fundamentação deste capítulo, a fim de entender os conceitos que levaram o autor a tomar as decisões que deram origem ao produto final “Os guardiões de São Francisco”.

2.1 AS MULTIPLATAFORMAS DO JORNALISMO

Quando se fala em Jornalismo Multiplataforma naturalmente evoca-se o pensamento de um produto jornalístico que é produzido e compartilhado por diferentes plataformas, que normalmente estão associadas aos equipamentos eletrônicos como smartphones, tablets e desktops. Diante desta realidade é impossível tratar de ambientes multiplataformas para reportagens e notícias sem mencionar a convergência midiática que proporcionou todo esse contexto. Profissionais de diferentes áreas começam a dialogar entre si com o objetivo de produzir notícias. Esta integração possibilita não apenas reportagens multimídia, como também notícias factuais interativas, como define Colussi (2016)

Assim, com programadores, web designers, analistas de base de dados e jornalistas, em um trabalho conjunto, em que atuam também na produção de conteúdo jornalístico diário, e não apenas em reportagens especiais

multimídia e conteúdos específicos para dispositivos móveis. Neste caso, a finalidade é publicar notícias factuais de maneira mais interativa, de forma que a multimídia de tipo integrada seja uma constante, e não esporádica, nos sites dos veículos, como se vê em especiais ou grandes reportagens hiperlinks. (COLUSSI, 2016, p.198)

Todavia, no âmbito empresarial, este cenário de convergência midiática tem imposto aos profissionais de Jornalismo uma carga horária excessiva e suscetíveis desvios de função, favorecendo uma ótica neoliberalista de exploração de trabalhadores multifacetados. Para João Canavilhas (2016) “as empresas perceberam que os profissionais poderiam desempenhar mais de uma função: as fotografias, por exemplo, passaram a ser feitas pelos jornalistas, resultando assim uma convergência profissional consequência de uma convergência tecnológica”.

Ainda dentro da esfera empresarial, o contexto de convergência e desenvolvimento tecnológico possibilitou às empresas de comunicação a possibilidade de desenvolver produtos jornalísticos que possam ser disponibilizados em dispositivos móveis, que se popularizaram cada vez mais entre os cidadãos a partir da década de 2010, principalmente no Brasil. De acordo com Fonseca (2014), essa popularização se deu através de uma evolução tecnológica.

O Brasil, por exemplo, tem mais telefones celulares que habitantes. Além da popularização, esses dispositivos são multimídias, reúnem texto, áudio, imagem e vídeo em único aparelho. Ainda, com a evolução tecnológica, baseada na convergência de meios e sistemas, com a junção de três aspectos: informática e sistemas computacionais, sistemas de informação que carregam conteúdo e sistemas de comunicação, possibilitou transformar os dispositivos em máquinas computacionais portáteis. (FONSECA, 2014, p. 12)

O dispositivo móvel é a chave do Jornalismo Multiplataforma. É através destes que o conteúdo chega ao usuário no conforto de sua casa, a partir de uma extensão do seu próprio corpo, que é o seu smartphone. É neste contexto de proximidade que o Jornalismo Multiplataforma atua. As televisões, rádios e até os desktops são dispositivos de uso coletivo, onde não é possível uma personalização e uma introdução de conteúdos específicos e segmentados. Mas é no smartphone pessoal, utilizado pelos usuários para desenvolver atividades inteiramente íntimas, que o Jornalismo tem mais força. Todavia, para Canavilhas (2016), o potencial destes dispositivos ainda precisa ser melhor desenvolvido. Segundo o pesquisador, a personalização é a chave não apenas para o jornalismo multiplataforma, mas

para possibilidades de consumo, a serem estudadas mais profundamente nas áreas de marketing e publicidade.

O potencial dos dispositivos móveis é muito superior ao dos computadores por se tratar de um aparelho de uso pessoal, ou seja, um canal que permite o acesso a um determinado utilizador no seu contexto particular. Se a possibilidade de uma personalização temática já é vista pelos consumidores como uma maisvalia, imagine-se se essa personalização tiver em consideração todos os elementos contextuais [...] A esta capacidade de adaptação chamo plasticidade, um grau avançado de personalização por considerar um conjunto de variáveis que nem o próprio consumidor tem noção no momento em que a informação lhe é enviada. (CANAVILHAS, 2016, p. 201)

Apesar das múltiplas possibilidades, o jornalismo multiplataforma também suscita um debate a respeito da própria função do jornalista. A partir do momento que as novas tecnologias cabem na palma da mão de qualquer indivíduo, a produção de conteúdo factual passa a ser uma possibilidade de todo e qualquer cidadão que possua um smartphone ou tablet conectado à internet. O Jornalismo responsável e profissional não pode ser confundido com a produção de conteúdo feita por internautas. Apenas em determinadas situações, os conteúdos produzidos em aplicativos e mídias sociais podem ser considerados elementos jornalísticos, como, por exemplo, vídeos, fotos e transmissões ao vivo de catástrofes naturais, manifestações populares, protestos e acidentes. Neste caso, este tipo de conteúdo pode ser considerado como Jornalismo colaborativo ou Jornalismo Open Source (COLUSSI, 2016), quando um produto jornalístico é composto total ou parcialmente por elementos produzidos por não-profissionais, como ouvintes, interlocutores ou telespectadores.

Antes de finalizar este tópico introdutório, julgamos necessário trazer o conceito de “turning point” da grande reportagem multimídia (LONGHI, 2014) para compreender de forma mais efetiva o produto jornalístico desenvolvido neste trabalho. Em seu estudo, Raquel Ritter Longhi (2014) define que o webjornalismo pode ser dividido em três grandes momentos: o slideshow noticioso, no início dos anos 2000; os especiais multimídia, de meados de 2000 a 2011 e a grande reportagem multimídia, de 2012 em diante. Além disso, a discussão vai além e “propõe um possível ponto de virada da grande reportagem multimídia no jornalismo digital, apontando ainda para o que define como o amadurecimento da grande reportagem multimídia”

Mas o que poderia ser considerado um amadurecimento da grande webreportagem? É impossível falar em mudança e evolução do conteúdo, sem falar no desenvolvimento tecnológico das ferramentas e instrumentos para produzi-lo. Existem duas destas ferramentas

que proporcionaram esta revolução: a primeira delas foi o Adobe Flash, um software que permite a produção de notícias e reportagens com fotos, vídeos e imagens, unidas em um mesmo produto. A utilização da ferramenta segue forte até hoje, apesar de ter tido seu auge entre 2002 e 2010 (LONGHI, 2014).

Contudo, foi o advento do HTML5 que proporcionou o real amadurecimento da webreportagem no quesito design.

Com o HTML5, a concepção do produto em uma única janela, ou quadro (Fig. 6), é substituída pelo que definimos como “scrolling”, ou seja, recurso que permite a leitura e navegação através da barra lateral na página (Fig. 7), perfazendo uma leitura mais verticalizada. O design utiliza toda a superfície da tela, ao contrário da janela única em quadro individual, usando o espaço em branco como elemento constitutivo do desenho da página e geralmente o texto centralizado. Normalmente, o produto abre com uma imagem em toda a largura da página, seguida por texto que se integra a elementos gráficos como fotografias, slideshows, infográficos, etc. (LONGHI, 2014, p. 909)

Por fim, Longhi (2014) também revela uma constante já debatida neste tópico: a mobilidade do webjornalismo. Este amadurecimento e o “turning point” do Jornalismo Multimídia passa diretamente pela ascensão dos dispositivos móveis, através dos designs responsivos, ou seja, que são adaptados a todos os tipos de telas. O grande definidor do momento de virada da reportagem multimídia pode estar no chamado design responsivo, uma tendência mundial nesse tipo de produto noticioso. Design responsivo (do inglês responsive design) diz respeito àqueles sites nos quais o desenho e a informação se adapta ao suporte que o usuário está usando, seja um telefone celular, um computador, tablet ou televisão digital. (LONGHI, 2014).

2.2 WEBJORNALISMO: OS SETE ELEMENTOS

O webjornalismo se caracteriza não somente pelo jornalismo disponibilizado em plataformas digitais, mas como uma nova modalidade jornalística que une diversas formas narrativas de maneira harmônica. Ou seja, o webjornalista necessita ter a habilidade de unir, em um mesmo produto, diversas linguagens como fotos, vídeos, textos, áudios, gráficos além de outras possibilidades linguísticas como os gifs, enquetes e memes. Tudo isso, sem perder a lógica e o sentido informativo e narrativo que é essencial a todo produto jornalístico.

Para tanto, João Canavilhas (2014) organiza sete princípios que devem nortear a produção de reportagens e matérias no ambiente digital. Os princípios dizem respeito tanto a

forma como produzir as matérias, bem como a sua disposição nas plataformas digitais. O autor destaca que essa seleção só foi possível graças ao surgimento de conteúdo originalmente pensado para a web:

Embora existam em todo o mundo centenas de publicações online do período pré-World Wide Web, foi o desenvolvimento deste novo meio que transformou para sempre o jornalismo. Entre as muitas alterações registradas destaca-se o aparecimento das versões web dos meios tradicionais, mas também o nascimento de publicações nativas. É neste campo que se inscreve a obra que agora apresentamos. (CANAVILHAS, 2014, p.1)

Os princípios definidos pelo autor são hipertextualidade, multimídia, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade. A grande reportagem produzida para conclusão e defesa desse relatório técnico tomou como norte esses princípios para que o conteúdo jornalístico se adeque ao formato pensado por Canavilhas (2014) de um produto nativo da web, como se propõe o trabalho em questão.

A seguir, os princípios serão analisados dentro de suas especificidades. Cada um deles contribui de maneira efetiva para o desenvolvimento do webjornalismo centrado na experiência do usuário com as novas mídias e com a nova forma de consumir conteúdo, como será destacado nos capítulos seguintes.

Em primeiro lugar, está a *hipertextualidade*. Quando se pensa em hipertexto, é normal associar-se a links que direcionam a outros sites e portais, complementando a notícia. Entretanto, a hipertextualidade vai além de um simples complemento à notícia. A ferramenta tem relação com uma nova forma de arquitetar o texto jornalístico, por intermédio da programação de computadores, levando em consideração que o texto ainda é a porção fundamental de uma matéria jornalística, mesmo com todas as possibilidades que a web oferece, conforme explica Canavilhas:

O texto é o conteúdo mais usado no webjornalismo, uma realidade explicada por fatores de ordem histórica, técnica e econômica. Em termos históricos, o primado do texto está relacionado com a sua umbilical ligação à imprensa escrita. No final da década de 80, a edição eletrônica já se tinha generalizado na imprensa escrita, permitindo uma paginação mais rápida e flexível. Estes programas de edição permitiam exportar as versões finais em HTML, tornando os custos das versões online quase residuais. Por isso mesmo, os jornais foram os primeiros meios a avançar para as edições na Web (Edo, 2002, 103), tornando o seu conteúdo mais característico – o texto – no elemento mais utilizado das online. (CANAVILHAS, 2014, p.3)

Moraes Jorge (2011) corrobora com Canavilhas (2014) ao mencionar que o hipertexto “é um modo de organização que une sentidos”. Ou seja, a forma que uma reportagem é

arquitetada deve levar em consideração a importância do texto como construção de blocos informativos que interligam elementos e dão sentido à eles. A mesma técnica foi utilizada na produção da grande reportagem da qual teve origem este relatório técnico, em que os vídeos, gráficos e fotos estão interligados por textos, que dão sentido a eles, conforme define o autor.

Outro autor também comenta sobre a importância do texto a partir da sua definição em blocos. Para Salaverría (2005), a arquitetura do texto é fundamental para um bom entendimento e uma boa recepção do leitor.

No campo dos blocos informativos, a dimensão do texto é um elemento fundamental na arquitetura noticiosa. Um bloco textual demasiado curto deixará o leitor insatisfeito por conter pouca informação, enquanto um bloco demasiado longo pode tornar-se cansativo para uma leitura em monitor. (SALAVERRÍA, 2005, p.12)

Na reportagem “Os guardiões de São Francisco” a hipertextualidade foi utilizada na inserção de hiperlinks que direcionam o leitor a outras páginas com elementos complementares. Em determinado parágrafo, quando o autor versa sobre a história do Centro Cultural São Francisco, algumas palavras estão com hiperlinks que direcionam a outra página com informações mais aprofundadas sobre aquele tema em específico.

O hipertexto promove uma descentralização no conteúdo. Dessa forma, o produtor tem a liberdade de oferecer a seu leitor o máximo de conteúdo que acredite ser relevante para o entendimento da reportagem. E essa possibilidade de armazenar todos esses conteúdos está diretamente ligada ao princípio seguinte: a *memória*.

O princípio da memória no webjornalismo diz respeito principalmente à capacidade de armazenar conteúdo sem limite de tamanho. Essa característica é fundamental para diferenciar o jornalismo na web dos demais suportes, que em todos eles, existem limitações para o conteúdo. No impresso, a reportagem precisa limitar-se ao tamanho e quantidade das páginas; já na televisão e no rádio, o tempo e a grade de programação também limitam o conteúdo.

O jornalismo impresso moderno recorre à publicação de pesquisas, baseadas em informação de arquivo, que complementam, ampliam ou ilustram o material noticioso corrente. O mesmo ocorre com relação às emissoras de rádio e TV, que mantêm arquivos sonoros e de imagem, eventualmente utilizados na produção de material noticioso de caráter jornalístico ou documental. No entanto, na produção jornalística em rede, altera-se o lugar da documentação e da memória que, de complemento informativo, desloca-se para uma posição de fonte noticiosa direta (MACHADO, 2002, p. 63).

Além disso, o princípio da memória também carrega um conceito mais subjetivo, voltado à própria memória humana. Para Canavilhas (2014), o jornalismo contemporâneo tomou um lugar no cotidiano e na memória das pessoas. Na prática, é como se o jornalismo servisse como um agregador de acontecimentos do ser humano, além de pautar a rotina dos mesmos, como explica:

O jornalismo contemporâneo tem suas raízes na cidade, no fenômeno urbano moderno, representado pelas massivas movimentações de coisas e pessoas fomentadas pelo industrialismo (Hobsbawn, 1995). O jornal diário passa a ocupar o lugar onde outrora estiveram o galo, o sino das igrejas e a posição do sol na abóbada celeste na marcação do tempo da vida daqueles seres, desde então urbanizados. “(...) É a idéia de um aqui e agora, ou seja, de espaço e tempo entrecruzados, que preside à singularização do fato” (CANAVILHAS, 2014, p.90)

O conceito de memória também converge com o conceito de notícia como construção da realidade de Rodrigo Alsina (2009, p.91), que define a notícia como “uma representação social da realidade cotidiana, gerada institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível”.

Na produção da grande reportagem em questão, a capacidade de memória disponibilizada pelo conteúdo digital foi fundamental para construção do texto, visto que, como o trabalho se propôs a utilizar tanto técnicas de jornalismo literário quanto a diversidade de mídias, o espaço físico de um jornal impresso ou o limite de tempo de uma televisão ou rádio não seriam suficientes para arquitetar todo o conteúdo proposto.

Segundo Salaverría (2015), a comunicação humana é multimídia desde os primórdios da sociedade. O autor comenta que os múltiplos sentidos pelos quais as pessoas se comunicam são, como se fossem, múltiplas mídias. É possível se comunicar através da fala, dos gestos e dos toques. Assim como, através das mídias, é possível se comunicar com vídeos, fotos, áudios, gráficos e demais possibilidades.

O jornalismo multimídia se confunde com o jornalismo multiplataforma, visto que ambos refletem distintos meios que coordenam estratégias para conseguir apenas um resultado. Dessa forma, é impossível pensar em *multimedialidade* para webjornalismo sem pensar em adaptar o conteúdo às diversas plataformas existentes, como *tablets*, *smartphones* e *desktops*.

Apesar do conceito de multimídia parecer, à primeira vista, simplório, Salaverría (2015) propõe que o princípio não seja reduzido ao “conjunto de mídias”, mas a uma combinação de linguagens, que não podem ser numeradas, e juntas, têm por objetivo transmitir uma informação.

Existe uma terceira percepção do termo multimédia, presente de forma muito especial no âmbito jornalístico, e não só. Referimo-nos à sua interpretação como combinação de linguagens ou de formatos – texto, som, imagem, vídeo. [...]. Esta terceira percepção de multimédia é a mais usual e, de facto, a única que consta no dicionário da Real Academia Espanhola (RAE). Para esta instituição, o adjetivo “multimédia” designa aquilo “que utiliza conjunta e simultaneamente diversos meios, como imagens, sons e texto, na transmissão de uma informação”. [...]. Como veremos, não tem qualquer sentido realizar nenhuma enumeração fechada de elementos porque para nos encontrarmos perante uma mensagem multimédia basta que coincidam dois desses elementos, independentemente de quais forem. (SALAVERRÍA, 2015, p. 29)

O produto em questão é formado por diversas mídias e linguagens. Podemos observar não somente a união de fotos, vídeos e imagens interativas, mas a intersecção das linguagens do audiovisual, da literatura e do próprio jornalismo.

Assim como a multimidialidade, a *interatividade* também transforma as rotinas de produção das redações que trabalham com webjornalismo, isso porque o “caminho natural” da produção da notícia começa a andar na contramão. A linha entre produtores e consumidores começa a ficar mais tênue e os consumidores da notícia estão participando de forma cada vez mais ativa na produção da mesma. Em 1980, o autor Alvin Toffler previu que os consumidores de produtos iriam interferir diretamente nos meios de produção e “o mercado começaria um processo de customização em massa dos produtos, e um novo tipo de consumidor surgiria, o *prosumer*”.

Todavia, a previsão de Toffler não se concretizou de maneira efetiva no mercado de produtos e serviços, contudo, no que diz respeito ao jornalismo, os interlocutores estão participando de forma cada vez mais ativa da construção da notícia.

Para começar a entender o conceito de interatividade, é preciso discuti-la sobre duas vertentes: a interatividade comunicativa, já supracitada e mais comum; e também a interatividade seletiva.

Entendemos a interatividade como a capacidade gradual que um meio de comunicação tem para dar maior poder aos utilizadores tanto na seleção de conteúdo (“interatividade seletiva”) como em possibilidades de expressão e comunicação (“interatividade comunicativa”). Falamos de capacidade gradual para destacar que há vários graus de interatividade. Existem diferentes níveis quer de interatividade seletiva, quer de interatividade comunicativa, e acreditamos que cada uma deve ser analisada e medida com parâmetros próprios. Há meios que oferecem boas alternativas de interatividade seletiva, mas escassas opções comunicativas; e vice-versa. É importante, então, abordá-las como dois ramos diferentes, porque em um o utilizador é interpelado basicamente como um receptor (interatividade

seletiva), enquanto no outro é um produtor de conteúdo (interatividade comunicativa). (ROST, 2014, p.55)

Ou seja, por um lado a interatividade seletiva diz respeito às possibilidades que o webjornalismo oferece ao leitor. O consumo da notícia já não é passivo como outrora, visto que o interlocutor pode interagir com a notícia, seja através de comentários e sugestões de pautas (interatividade comunicativa), como acontece nos quadros “Sou Repórter Correio”, da TV Correio, afiliada da Record TV, na Paraíba, em que os telespectadores mandam vídeos mostrando os problemas de infraestrutura de suas comunidades e posteriormente se transformam em matérias; como também através da possibilidade de selecionar o conteúdo que lhe é mais interessante, interagir com as notícias através de enquetes, quizzes e infográficos, dentre outras possibilidades que as novas mídias oferecem para a produção de conteúdo para web.

Entretanto, a interatividade comunicativa, na prática, ainda sofre uma resistência. Canavilhas (2014) afirma que a cultura de participação não é efetiva e esbarra nas linhas editoriais e nas rotinas produtivas das redações, fazendo com que o processo de interatividade não seja tão horizontal quanto pareça.

A cultura de participação está longe de implicar uma horizontalidade total, pelo menos no jornalismo, e colide com as rotinas e os interesses que governam nas redações. Que os utilizadores tenham maior poder do que antes na construção da atualidade não quer dizer que, como muitas vezes se afirma, tenham alcançado o mesmo poder que os meios de comunicação ou os seus jornalistas. (CANAVILHAS, 2014, p.55)

Na webreportagem produzida em que se baseia este relatório técnico, o princípio da interatividade seletiva foi utilizado na construção da matéria ao permitir que o leitor interaja com as imagens fotografadas em 360°, por exemplo. A interatividade comunicativa não está presente na produção da webreportagem visto que os leitores não participaram da organização da pauta da matéria e nem há a possibilidade de postar comentários ao fim da reportagem.

Já o princípio da *instantaneidade* vai além do “furo de reportagem”. No webjornalismo, a velocidade em dar a notícia em primeira mão, perde força. Esse fenômeno acontece a partir do advento das mídias sociais e de sua utilização massiva, em que os usuários compartilham informação em uma velocidade quase instantânea. Os meios de comunicação até se fazem presentes nas mídias sociais para auxiliar os leitores a “navegar” por esse mar de informação de maneira responsável, mas o “furo de reportagem” já não é mais o desejo do jornalista 3.0.

Em 2009, o Google e o Bing reconheceram essa tendência quando assinaram um acordo com o Twitter para incluir tweets ao vivo em seus respectivos mecanismos de busca. Quando se utilizasse quaisquer destes mecanismos de busca para procurar por algo contemporâneo, apresentava-se ao usuário uma lista de resultados em tempo real direto do Twitter em adição aos mais tradicionais resultados que ambas as ferramentas de busca utilizaram para se especializar. Este acordo foi abandonado mais tarde, embora o Google ainda traga embutidos resultados de notícias se o resultado for por tópico, bem como outros alimentadores de dados (data feeds) como os escores ao vivo. (BRADSHAW, 2014, p.119)

Apesar da velocidade na informação não ser o principal desejo dos jornalistas contemporâneos, a instantaneidade ainda é peça fundamental e básica do webjornalismo. E essa característica, que já não é nenhuma novidade, assim como outros princípios, também modificou rotinas produtivas em redações de jornalismo. Para Bradshaw (2014, p.120), “agora as notícias estão a ser produzidas sem as limitações do espaço físico que sustentava a organização das redações. A captação de notícias, a produção e distribuição podem, agora, ocorrer simultaneamente – e serem potencializadas”.

O autor ainda comenta que a maneira mais correta de se referir à instantaneidade na produção, publicação e consumo do conteúdo seria através do termo ‘imediatividade’, onde é possível entender que a informação precisa ser disponibilizada a todo instante.

No trabalho em questão, o princípio da instantaneidade não foi empregado, visto que se tratava de uma matéria sem caráter factual, mas sim histórico e documental. Dessa forma, não seria necessário utilizar de uma ‘imediatividade’ em sua publicação.

O penúltimo aspecto a ser abordado neste tópico é a *personalização*. Este princípio tem uma relação um pouco mais próxima ao estudo de análise de conteúdo voltado ao marketing. Como explica Seifert (2019), a personalização é uma estratégia do marketing que foca nas necessidades individuais dos clientes a fim de promover uma experiência de compra personalizada.

Personalização é uma estratégia de marketing digital que tem o objetivo de aumentar conversões e vendas, focando nas necessidades e comportamentos das pessoas. Para isso, as empresas usam tecnologias de dados e automações para impactar seus clientes com conteúdo dinâmico e experiências personalizadas. A qualidade da personalização de marketing depende da qualidade dos dados coletados. (SEIFERT, 2019, p.1)

No webjornalismo, a estratégia também é semelhante. Porém, ao invés de levar o consumidor à compra, o jornalista preocupa-se em levar o leitor à notícia. O grande diferencial do princípio da personalização e da sua importância para o jornalismo 3.0 é

entender que os usuários estão divididos em nichos pelo ciberespaço. Dessa forma, o conteúdo a ser produzido precisa ser segmentado para cada tipo de audiência. Todos os dias, os internautas são bombardeados com conteúdo personalizado que chega até os feeds através de algoritmos que conhecem os gostos pessoais de cada um. E o desafio do jornalismo é justamente produzir esse conteúdo com qualidade e relevância. Para Lorenz (2014), “quando o foco se coloca no mais interessante, o conteúdo volta-se para uma audiência específica, embora altamente interessada”.

Na prática, toda a discussão sobre o princípio da personalização passa pelos estudos de big data. As informações pessoais são produtos valiosíssimos na indústria da publicidade e da comunicação. Através delas, é possível criar anúncios personalizados, fornecer produtos que se adequem às necessidades individuais das pessoas e também, notícias de interesse de cada leitor. É o sonho de cada empresa: saber exatamente o que o cliente deseja.

A personalização é um enorme mercado: se os grandes fabricantes de carros (todos os grandes fabricantes) tivessem mais dados, o seu sonho seria a personalização em massa, até do lote de uma unidade. O termo técnico significa: cada carro seria totalmente personalizado com base nas especificações do utilizador. (LORENZ, 2014, p. 153)

Na reportagem “Os guardiões de São Francisco”, o princípio da personalização está intrínseco à produção de uma webreportagem, visto que quem deseja ter acesso ao conteúdo histórico sobre a cidade de João Pessoa e suas relações com a Igreja Católica, possivelmente receberá este conteúdo através dos algoritmos presentes na rede mundial de computadores.

O sétimo e último princípio estudado por Marcos Palacios (2014) trata-se da *ubiquidade*. Este aspecto é talvez o mais simples de todos os já analisados posteriormente, porém, é o que mais torna o webjornalismo diferente dos demais formatos. Ubiquidade significa, de acordo com o Dicionário Aurélio, “estar em todos os lugares”. A definição ainda deixa claro o conceito de simultaneidade. Na esfera da mídia e do jornalismo, o princípio implica que o leitor pode ter acesso ao conteúdo em qualquer lugar e em qualquer tempo.

Essa característica das media que tem como suporte a web traz transformação não só para a forma como é feito o jornalismo para toda a sociedade, como explica Pavlik:

Eric Schmidt e Jared Cohen, da Google, fornecem evidência de que 5 bilhões de pessoas passarão a estar online durante a próxima década, especialmente por meio da mídia móvel, elevando o total de indivíduos conectados em todo o mundo para 7 bilhões.³ Existem aproximadamente 2 bilhões de usuários de telemóvel em 2013, entre os quais um bilhão utiliza smartphones. ⁴ Schmidt e Cohen argumentam que esta conectividade quase ubíqua vai mudar o

futuro. Transformará o poder, deslocando a influência do estado e de outras instituições organizadas, como a mídia tradicional, em direção aos cidadãos. (PAVLIK, 2014, p.160)

A ubiquidade traz ao debate do jornalismo dois conceitos bastante discutidos nos estudos de comunicação e sociedade: A aldeia global e o jornalismo cidadão. Para McLuhan (1964) o mundo inteiro passa a se tornar um só “gueto” através da conectividade e a facilidade de comunicação promovida pela web. Este cenário só é possível com a possibilidade de a informação estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

Ainda neste cenário, surge o jornalismo cidadão ou jornalismo comunitário, em que o próprio espectador é agente ativo do que é produzido pelas redações, isto porque, da mesma forma que as informações estão disponíveis em todos os lugares e ao mesmo tempo, os produtores de conteúdo e “repórteres cidadãos” também estão em todos os lugares captando essas informações e criando conteúdo.

No trabalho em questão, a ubiquidade está intrínseca ao objeto pelo simples fato de ser um produto webjornalístico que pode ser acessado em qualquer lugar do mundo e a qualquer momento.

Em face disso, é notório que os princípios do webjornalismo são pilares fundamentais do conteúdo na web, que normalmente segue essas determinadas características. Muito embora todos os conceitos não sejam utilizados e aplicados em todos os conteúdos produzidos no ambiente digital, os princípios arquitetam a maioria dos produtos webjornalísticos.

2.3 JORNALISMO MULTIPLATAFORMA E/OU/COM WEBJORNALISMO

Diante dos dois tópicos anteriores, é possível traçar as diferenças entre Jornalismo Multiplataforma e Webjornalismo. De maneira bastante resumida, quando falamos em múltiplas plataformas nos referimos aos suportes e formatos onde as notícias e reportagens estarão disponíveis aos leitores. É neste tópico que são discutidas as ideias de responsividade, mobilidade e transmídia, por exemplo. Já quando falamos em webjornalismo, o debate se concentra nas ideias de conteúdo e nas possibilidades da web para fazer produtos jornalísticos interativos e com o diálogo de diversas mídias, como fotos, vídeos, imagens e elementos interativos.

Contudo, o presente relatório técnico pretende aprofundar determinados conceitos que são capitais para a diferenciação dos pontos em questão. O primeiro deles é referente aos

produtos jornalísticos que são desenvolvidos nativamente na web, ou seja, já nasceram digitais. Esta possibilidade surge a partir da terceira geração do webjornalismo (MIELNICZUK, 2014), quando os produtos passam a ser desenvolvidos primordialmente pensando no suporte web. É importante lembrar que as primeiras gerações estavam intrinsecamente atreladas ao jornalismo impresso, onde as reportagens passaram do papel para a web, em um processo conhecido como crossmedia (FINGER, 2012).

Neste cenário, surge a primeira relação entre os conceitos abordados neste capítulo. Com as reportagens e conteúdos nativos da web, os profissionais de comunicação sentiram a necessidade de replicar estes conteúdos em todas as plataformas disponíveis, que cada dia mais ganham força entre os cidadãos, como os smartphones, que foram abordados no tópico sobre Jornalismo Multiplataforma (MIELNICZUK, 2014). Ou seja, a partir de um avanço do próprio webjornalismo é que surge a necessidade de desenvolver um jornalismo em múltiplas plataformas. Para tanto, é importante pontuar que o webjornalismo surge primordialmente, porém ambos os conceitos se completam diante da realidade atual.

Além disso, outro debate pertinente diz respeito a um dos princípios do webjornalismo que está diretamente ligado às plataformas de conteúdo: a memória. De acordo com Marcos Palacios (1999), “o volume de informação diretamente disponível ao usuário é consideravelmente maior no webjornalismo, seja com relação ao tamanho da notícia ou à disponibilização imediata de informações anteriores”.

Diante disso, Mielniczuk (2014) suscita um questionamento a respeito da hierarquização de notícias diante da possibilidade “infinita” de conteúdo que a web disponibiliza. Para a autora, “este fator irá influenciar na valoração e hierarquização das notícias no processo de edição, uma vez que o espaço do produto jornalístico pode ser bem maior”. E este debate diz respeito diretamente às plataformas nas quais estão inseridos estes produtos. Para que o princípio da memória seja utilizado pelos profissionais e usufruído pelos leitores, são necessárias plataformas de armazenamento e sistemas de hospedagem com memória necessária para suportar este conteúdo. Em face disso, é possível concluir que o princípio da memória não pode ser utilizado sem as devidas plataformas que o sustentem.

Para finalizar este tópico, é importante destacar um conceito de Ramon Salaverria (2005) que define o Jornalismo Multiplataforma como uma união de diversos meios, que interagem entre si. Para o pesquisador, “este tipo de trabalho é possível quando uma empresa de comunicação coordena as coberturas de seus respectivos jornais impressos, emissoras de rádio, canais de televisão, e/ou cibermeios”. Quando Salaverria se refere a ‘cibermeios’,

entende-se que é onde se encontram os produtos web jornalísticos. Diante disso, é possível entender que o webjornalismo compõe o Jornalismo Multiplataforma. Todavia, não é possível falar sobre jornalismo em múltiplas plataformas sem a possibilidade de compartilhar esses conteúdos na web. Em resumo, um não existe sem o outro.

2.4 JORNALISMO LITERÁRIO, SEMPRE

“Conheço um homem casado, com dois filhos e que comprou um motel de 21 quartos perto de Denver, há muitos anos, a fim de se tornar um voyeur residente”. O trecho do livro *Voyeur*, do jornalista americano Gay Talese parece, à primeira vista, retirado de um diário pessoal. Todavia, ele compõe uma das maiores reportagens escritas nos anos 60, relançada em uma nova edição em 2016, e transformada em documentário, distribuído pela Netflix, em 2017.

“*Voyeur*” é um livro-reportagem que conta a história de Gerald Foos, um americano que bisbilhotava os hóspedes do motel que era dono. O jornalista Gay Talese teve acesso ao diário do voyeur e produziu uma grande reportagem em um formato totalmente diferente de tudo que já havia sido publicado no jornal *The New York Times*, onde trabalhava. “*Voyeur*” colocou o jornalista no coração da notícia, ou melhor, colocou o coração do jornalista na notícia. Talese contou a história de Foos com base em suas próprias experiências pessoais e impressões a respeito dos fatos. Contrariando princípios como neutralidade e objetividade.

O novo formato tinha como características a própria Literatura. Para Alceu Amoroso Lima (1969), a Literatura pode ser compreendida como uma “construção estética determinada por um conjunto de disposições interiores em que se distribuem as obras em função de suas afinidades intrínsecas e extrínsecas”. A construção de “*Voyeur*” se baseia justamente nas disposições de Talese, que utiliza suas próprias impressões para garantir a narrativa.

É importante destacar que embora a Literatura e o Jornalismo passassem a andar mais juntos do que nunca, as áreas não podem ser confundidas. Alguns autores como Bianchin (1997), é bem claro ao dividir as áreas com base em um princípio: a ficção.

(...) Pode (o jornalismo) usar técnicas literárias para fazer emergir a dramaticidade imanente do cotidiano? Pode e deve, mas nada disso fará com que a narrativa jornalística passe a ser também literária. Isso porque entre jornalismo e literatura há um confronto essencial: o jornalismo não tem a liberdade de ficcionalizar a realidade. (BIANCHIN, 1997, p.60)

Todavia, alguns autores até definem o Jornalismo como um gênero literário. Para Olinto (1968), “entre os dois elementos não há uma diferença técnica a não ser a espécie e a intensidade. O que acontece é que o Jornalismo é uma Literatura que deve ser consumida imediatamente”. Contudo, a maior parte dos textos jornalísticos que são compostos por ferramentas da Literatura não têm caráter efêmero, e não abordam temáticas passageiras e factuais, como um acidente automobilístico ou um serviço disponibilizado pela Prefeitura, mas sim, temáticas densas, complexas e trabalhadas sem pressa. A estética do texto literário aplicado ao Jornalismo pede uma apuração aguda e uma imersão no fato, que pode partir de algo “esquecível”, mas penetra em uma esfera indelével.

Para finalizar este subtópico, é preciso deixar uma citação do principal teórico brasileiro que reflete sobre o Jornalismo Literário (ou Novo Jornalismo). Felipe Pena (2006) revela que o jornalista que se propõe a escrever um texto com esta estética precisa subverter o próprio gênero jornalístico. Ou seja, precisa pensar mais como escritor, mas também como jornalista.

Os repórteres devem seguir o caminho inverso [do jornalismo tradicional] e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual de redação (PENA, 2006, p. 54).

O autor ainda revela a necessidade de que o texto de Jornalismo Literário precisa extrapolar os limites dos acontecimentos e promover visões que fogem do comum. Além disso, Pena (2006) também corrobora com uma premissa fundamental do Novo Jornalismo: a caça ao lide.

O texto, portanto, deve-se apoiar nos seguintes preceitos: potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide', evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p.58)

Pensando neste aspecto, “Os guardiões de São Francisco” foi produzida como um relato fiel da experiência do autor, através dos recursos jornalísticos de apuração e compromisso com a verdade dos fatos. Em determinados momentos da construção do texto, o autor coloca-se como agente ativo da notícia, interagindo com o próprio objeto do texto, no caso, o Centro Cultural São Francisco, e também com as personagens.

Além disso, o autor utiliza outros recursos da estética literária como as metáforas e descrições precisas, além da construção textual feita através de capítulos, como se a

reportagem ganhasse a forma de um livro. O detalhamento da estética empregada pelo autor em “Os guardiões de São Francisco” será abordado nos subtópicos seguintes.

2.4.1 Construindo cenas

“Os guardiões de São Francisco” é iniciada com a construção de uma cena em que um dos personagens principais está inserido. A escolha desta abordagem inicial partiu dos conceitos estabelecidos pelo célebre escritor e jornalista Tom Wolfe. Para o autor, “os escritores mais talentosos são os que conseguem criar memórias na mente do leitor através da construção das cenas” (WOLFE, 1973). Como vimos anteriormente, Amoroso Lima (1969) considera que é necessário que as “disposições interiores” do autor sejam colocadas em prática em um produto de Jornalismo Literário.

Ainda seguindo os conselhos estabelecidos por Wolfe, o discurso direto foi abordado por diversas vezes durante a produção textual. A opção de promover diálogos que foram presenciados pelo próprio autor da reportagem, construídos através de uma descrição fidedigna e detalhada desta experiência, contribuem mais ainda para a memorização e imersão do leitor naquele universo.

Wolfe, em sua coletânea *The New Journalism*, de 1973, estabelece um paralelo com o movimento realista, de trazer o detalhamento e as características do estilo para nas narrativas não ficcionais. Para tanto, isto requer um trabalho de observação e documentação dos conteúdos. Trumam Capote (1975) acredita que “o gravador é o pior inimigo do jornalista”, por podar a experiência de diálogos, por outro lado, Wolfe valoriza a documentação e arquivamento de informações.

O jornalismo pega emprestada a técnica do Realismo para envolver o leitor. Além de descrever, o jornalista pode usar falas para construir os personagens da história. Para que esta tarefa torne-se mais fiel possível, é necessário a anotação ou gravação de todo o conteúdo. (WOLFE, 1975, p 12).

Gay Talese (2004), que escreve o trecho que inicia este tópico, revela bem esta necessidade. Em uma definição fundamental do Novo Jornalismo, o jornalista reforça a importância da fidedignidade do texto literário não ficcional. Para o autor, o Jornalismo Literário não deixa de buscar a verdade, a informação e o serviço; mas procura desempenhar este mesmo papel através de uma nova ótica, ampliando a visão dos fatos.

Embora muitas vezes seja lido como ficção, o novo jornalismo não é ficção. Ele é, ou deveria ser, tão fidedigno quanto a mais fidedigna reportagem, embora busque uma verdade mais ampla que a obtida pela mera compilação de fatos passíveis de verificação, pelo uso de aspas e pela observância dos rígidos princípios organizacionais à moda antiga. O novo jornalismo permite, na verdade exige uma abordagem mais imaginativa da reportagem, possibilitando ao autor inserir-se na narrativa se assim o desejar, como fazem muitos escritores, ou assumir o papel de um observador neutro, como outros preferem, inclusive eu próprio. (TALESE, 2004, p. 9).

Em janeiro de 2017, a capa da Revista Piauí chocou diversos leitores ao trazer uma ilustração realista de um beijo de língua entre o então presidente da República, Michel Temer (MDB) e o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (MDB). O momento da publicação era extremamente pertinente, visto que o presidente acabara de ser empossado, após a ex-presidenta Dilma Roussef (PT) ter tido seu mandato impedido em um rito presidido por Eduardo Cunha. A capa histórica retrata a opinião editorial da Revista Piauí através de uma linguagem poética e peculiarmente incisiva, inserindo-se na narrativa, como define Talese (2004).

Mas esta postura de unir poesia e Jornalismo é uma especialidade da Revista Piauí. Segundo os editores, é “uma revista para quem gosta de ler”. Patrícia Resende Pereira (2013) mostra que o texto jornalístico presente em uma reportagem da Revista Piauí funciona apenas como mais uma das ferramentas utilizadas pelos leitores para construir uma notícia. Além disso, a própria estrutura da revista também favorece o olhar ampliado da realidade.

(...) a Piauí foi lançada em outubro de 2006 tendo como proposta priorizar a construção dos textos, com uma abordagem na qual os assuntos são apresentados com mais detalhes, evitando uma apresentação superficial do tema. Assim que um volume da revista cai nas mãos do leitor, a sua estrutura pouco usual chama a atenção. Isso porque quadrinhos, poemas e cartuns dividem espaço com o texto jornalístico, em uma inserção aparentemente aleatória. (PEREIRA, 2013, p.2)

Em determinadas reportagens, trechos de poesia são inseridos nos locais onde, originalmente, ficariam dispostas imagens em um produto jornalístico “comum”. A escolha dos repórteres e editores em optar pelos textos poéticos oferece ao leitor uma espécie de respiro em meio as informações que, em algumas oportunidades, podem se referir a temáticas pesadas como corrupção, terrorismo e desemprego.

Para Gay Talese (2004), um dos principais objetivos do Jornalismo Literário é trazer ao leitor a realidade de uma maneira ampliada e longe do lugar comum. Permito-me

acrescentar, que os gêneros literários em consonância com os jornalísticos promovem uma transformação da notícia, onde não se sabe mais o que é fato e o que é arte, tendo como única certeza a verdade. E com base nesta transformação, em investigação da Revista Piauí, os autores Vanice Maria Oliveira Sargentini e Pedro Henrique Varonide Carvalho (2009) mostram como o auxílio da linguagem literária pode transformar a maneira como o leitor enxerga uma reportagem.

A opção editorial de colocar fragmentos poéticos recortando os textos – no lugar convencionalmente dedicado às imagens – é uma pequena respiração, se diria, iluminação, uma entrada no ser como diferencial da prática de leitura engendrada na Piauí. A imagem poética no lugar da imagem fotográfica faz o leitor penetrar no sentido em si do poema e voltar aos textos jornalísticos transformados (CARVALHO; SARGENTINI, 2009, p. 206).

Apesar da estética literária ter se popularizado a partir do século XXI, alguns jornalistas brasileiros e até paraibanos já utilizavam recursos literários em seus textos jornalísticos, a fim de tornar a leitura dos fatos do cotidiano mais leve e peculiar. As “Crônicas da Cidade” apresentadas na programação da Rádio Tabajara, emissora estatal gerida e mantida pelo Governo do Estado da Paraíba, por exemplo, são um exemplo de Jornalismo Literário no cotidiano dos paraibanos. A inserção deste método no Brasil e na Paraíba será detalhada no subtópico seguinte.

2.4.2 Situando o jornalismo literário brasileiro e paraibano

Quando falamos em Jornalismo Literário no Brasil, muitos pesquisadores apontam o clássico livro-reportagem “Os Sertões”, do escritor e jornalista carioca Euclides da Cunha. Lançado em 1902, os conceitos de Novo Jornalismo e Jornalismo Literário só viriam a ser conhecidos e estudados a partir da década de 1960. Então, declarar “Os Sertões” como um livro-reportagem em estilo literário pode configurar um anacronismo. Todavia, é importante ressaltar que a construção do texto também apresenta diferenças com o estilo criado e consolidado por Talese, Wolfe e Capote nas décadas de 1960 e 1970.

Pré-modernista, Euclides traz um relato verossímil e presencial da Guerra de Canudos, em Pernambuco. O autor relata os acontecimentos com auxílio de uma prosa científica e sociológica. Desta forma, o texto tem um caráter muito mais sociológico do que literário, conforme explica o jornalista e pesquisador Florestan Fernandes:

a publicação do livro *Os sertões*, em 1902, constituiu um divisor de águas no processo de formação das ciências sociais no país. Isso ocorreu em razão de ser ele o primeiro ensaio de descrição sociográfica e de interpretação histórico-geográfica do meio físico, dos tipos humanos e das condições de existência no Brasil. (...) Daí em diante, o pensamento sociológico pode ser considerado como uma técnica de consciência e de explicação do mundo, inserida no sistema sociocultural brasileiro. (FERNANDES, 1977, p. 35).

Contudo, com o passar dos anos, o Jornalismo Literário começou a se inserir no contexto das redações e até mesmo da atuação dos profissionais de comunicação autônomos do Brasil. Mas foi com a Revista Realidade lançada em 1966 que o Jornalismo Literário se apresentou aos brasileiros. Com fortes influências do movimento encabeçado por Talese e Wolfe no início dos anos 1960, o Grupo Editorial Abril decidiu lançar a Revista Realidade, que contava com reportagens mais longas e com textos que bebiam da ora da fonte do Jornalismo, ora da fonte da Literatura. O momento cultural e político no Brasil, apenas dois anos após o golpe militar de 1964, criou um cenário totalmente favorável à revista, levando em consideração que as pessoas estavam carentes de informação de qualidade, aprofundada e, ao mesmo tempo, leve e divertida.

Realidade se destacou por distanciar-se do formato hegemônico da imprensa diária cujos textos concisos e imparciais não conseguiam acompanhar as intensas transformações que aconteceram durante a década de 1960 no Brasil e no mundo. Além disso, estava instaurado no país, desde 1964, o regime militar que ia aos poucos cerceando a liberdade de imprensa por meio da censura. A revista diferenciou-se por enquadrar os assuntos mais pertinentes deste período por intermédio de uma linguagem sofisticada, amparada por uma forte carga autoral, capaz de transmitir o clima de liberdade que havia nos bastidores da redação. (DE MORAES; IJUIM, 2009, p 5).

Apesar das relações diretas com o Novo Jornalismo americano, é importante ressaltar que a Revista Realidade é um produto do próprio tempo e contexto que surgiu. Desta forma, os textos e materiais produzidos pelos jornalistas têm características peculiares e únicas, criando um estilo de Jornalismo Literário tipicamente brasileiro. O momento de mudanças e digressões que eclodiu no Brasil durante a década de 60 “conspirava para um comprometimento da equipe na produção de um jornalismo engajado, em que as pautas eram trabalhadas à exaustão, tanto no que concerne ao tempo de captação das informações quanto no que concerne ao trabalho bem elaborado da produção textual” (DE MORAES; IJUIM, 2009).

Um dos principais aspectos que caracterizam um texto literário não-ficcional é a construção das cenas. Introduzir um espaço físico no imaginário do leitor através de

descrições, diálogos e narrativas fluidas é uma das principais tarefas a serem observadas pelo jornalista que se propõe a escrever um texto literário. Diante disto, em uma edição especial da Revista Realidade, os repórteres produziram uma reportagem sobre a juventude brasileira, e para construir o texto, fizeram a experiência de passar um determinado período de tempo vivenciando a realidade destes jovens. Os profissionais enfrentaram os desafios dos personagens principais da história e tiveram a sensibilidade de construir as cenas que observaram e viveram durante o tempo que ficaram com os jovens.

O estilo literário inovador da Revista Realidade acabou servindo como norte e inspiração para diversos outros veículos de comunicação, como o Jornal da Tarde, que foi veiculado na década de 1970, no Rio de Janeiro, e mais recentemente a Revista Piauí, também do Grupo Editorial Abril, que utiliza de recursos literários para produzir textos voltados para as áreas de política e sociedade.

Além das revistas e jornais, muitos jornalistas também se profissionalizaram em produzir textos não-ficcionais sobre a realidade brasileira, e principalmente, sobre fatos históricos que marcaram a sociedade em que vivemos. Em “A vida que ninguém vê”, lançado em 2006, Eliane Brum traz um estilo literário e em formato de crônica para fatos do cotidiano que, normalmente, as pessoas não dão importância, como o carregador de malas do aeroporto que nunca entrou em um avião, um macaco que fugiu do zoológico e foi ao bar ou um mendigo que nunca pediu uma esmola.

Contudo, os textos produzidos também podem ser mais densos, como “Holocausto Brasileiro”, de Daniela Arbex, lançado em 2013. O livro narra a história de diversas pessoas que sobreviveram ao Hospital Psiquiátrico de Barbacena, que promoveu um verdadeiro massacre de pessoas pobres, doentes mentais e injustiçados durante a década de 60, no interior de Minas Gerais. A autora ainda produziu livro-reportagens sobre o incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria, que vitimou mais de 200 jovens e também sobre um brasileiro preso injustamente durante a Ditadura Militar no Brasil.

Faz-se necessário, neste trabalho, discorrer sobre as nuances do jornalismo literário na Paraíba, local onde a reportagem “Os guardiões de São Francisco” está sendo escrita, bem como pela temática do texto ter relação direta com pertencimento e com a formação da própria cidade e também do estado da Paraíba.

A imprensa paraibana por muito tempo foi considerada um satélite da capital de Pernambuco, Recife. (LEAL, s/d). Esse pensamento, até então, era perfeitamente compreensível, visto que muito do que era estampado nos jornais paraibanos vinha

diretamente de terras pernambucanas, e na maioria das vezes, sem mesmo os créditos dos profissionais responsáveis pela produção daquelas notícias.

Temos exemplos variados desse processo em: O Estado da Paraíba, de 03 de novembro de 1892, que transcreve parte do editorial de O Combate, jornal de Pernambuco. O periódico literário e noticioso O Sorriso mantinha vários correspondentes: em Paris, Antônio de Oliveira Costa, no Rio de Janeiro, Antonio Machado da Silva Júnior e, no Rio Grande do Norte, Diomedes Quintiliano da Silva. Em muitos casos constava a fonte de onde eram extraídos os textos, mas em geral omitia-se essa informação, mesmo porque era prática corriqueira não se colocar o nome do autor nos escritos. Outra atividade bastante comum era a da troca dos jornais entre as províncias e mesmo entre os jornais nela publicados. (ARAUJO FILHO, 2012, p. 38-39).

Entretanto, os textos desenvolvidos pelos profissionais à época, principalmente no século XIX, carregavam um teor ilustrativo e poético forte. Esse fenômeno acontecia justamente por que os profissionais contratados para escrever ou redigir as notícias já trabalhavam em outras áreas, normalmente voltadas às artes e à cultura. Gemy Cândido (1983, p.17) explica que “as múltiplas atividades se integravam ao jornalismo. Não era possível seguir o exercício literário livre, por isso, muitos escritores, ao escrever as notícias, transitavam pela poesia, pela oratória, pelo teatro, pela filosofia ou pelo folclore.” Deste modo, é possível perceber que muitos jornalistas que entravam nas rotinas produtivas das redações não tinham mais a disponibilidade de produzir textos literários livres como histórias, poesias, odisséias e afins. Contudo, tinham à disposição os fatos corriqueiros que eram dispostos em suas pautas, e a partir daí, usavam o talento artístico para desenvolver narrativas não ficcionais que estampavam os jornais paraibanos.

Além disso, dentro do próprio Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, ao qual se destina o presente trabalho, outras duas dissertações têm como temática o jornalismo literário e suas especificidades. Cibelly Correia Santos (2016) produziu um livro-reportagem com perfis de artistas paraibanos. De acordo com a autora, o produto foi feito com técnicas de jornalismo literário.

O presente projeto tem como proposta a criação de um livro-reportagem, contendo perfis jornalísticos de artistas paraibanos, utilizando o Jornalismo Literário como estilo de narrativa, visto que, devido à velocidade das informações e às novas tecnologias, as reportagens realizadas no jornalismo cotidiano, na maioria das vezes, são reducionistas, dificultando, assim, o aprofundamento do tema. O Jornalismo Literário reúne as técnicas do jornalismo com as narrativas advindas da literatura, como procedimentos de observação, descrição e narração, a fim de humanizar ao máximo a matéria e dar mais fluidez ao texto. (SANTOS, 2016, p.6)

Já Rafaela Alves Gambarra (2016), produziu um site independente chamado ARRUAR que conta com quatro seções de reportagens escritas à luz do Jornalismo Literário. A pesquisadora realizou um estudo exploratório e bibliográfico sobre webjornalismo e jornalismo literário a fim de produzir o site ARRUAR.

Este trabalho propõe a produção de um site de jornalismo independente que tenha suas matérias escritas utilizando a estética do Jornalismo Literário, com o intuito, portanto, de unir algumas das modalidades que vislumbram o novo, seja no jornalismo, seja no mundo digital – o site ARRUAR. Para isso, realizamos um estudo bibliográfico e documental sobre os seguintes temas: webjornalismo, jornalismo independente e Jornalismo Literário. (GAMBARRA, 2016, p.8)

A reportagem “Os guardiões de São Francisco” é apenas o terceiro trabalho a ser realizado no Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFPB tendo como temática o Jornalismo Literário. Desde 2015 foram escritos 71 trabalhos de dissertação no programa, de acordo com o site do PPJ. Dito isto, este trabalho torna-se relevante pela necessidade de que mais trabalhos acadêmicos tenham como objeto de estudo o jornalismo literário e suas nuances e especificidades. Na pesquisa bibliográfica para produção deste capítulo, mais especificamente sobre o Jornalismo Literário na Paraíba, o conteúdo científico e até mesmo jornalístico sobre narrativas não-ficcionais no Estado da Paraíba mostrou-se escasso e vazio. E justamente por esse motivo, “Os guardiões de São Francisco” trata-se de uma reportagem que também tem por objetivo trazer um texto mais cuidadoso e com mais estilo do que as reportagens tradicionais.

2.4.3 Jornalismo literário chega na web

É impossível falar de jornalismo literário no ambiente digital sem mencionar Eliane Brum. A jornalista gaúcha foi uma das primeiras profissionais a trazer as marcas da literatura aos textos jornalísticos disponibilizados na web, através de portais de notícias. Reportagens como “Todo inocente é um fdp?” e “Um abraço de Bangladesh” apresentam características do New Journalism americano. Apesar de não construir cenas na tentativa de criar um romance não-ficcional como faria Truman Capote em *A Sangue Frio* (1975), Brum traz uma densa contextualização dos fatos apresentados, se apresenta como personagem e imerge na história a ser contada para trazer um texto praticamente vivo e que prenda o leitor ao que será relatado.

Pisone e Couto (2014) fazem uma breve análise de um dos textos de Eliane Brum, publicado no site da Revista Época, em 2013. Em “Todo inocente é um fdp?”, a jornalista inicia a reportagem fazendo uma breve relação das escolhas e da condição humana com o filme Matrix (1999). Para as pesquisadoras, a contextualização e outras características do texto apontam uma presença de estilos literários na reportagem jornalística. A observação é feita através da teoria das sete pontas de Felipe Pena (2013), que atribui sete principais aspectos do Jornalismo Literário: “potencializar os recursos jornalísticos, ultrapassar os limites dos acontecimentos diários, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e garantir perenidade e profundidade aos relatos”.

Neste exemplo, Eliane utiliza a terceira característica da estrela de sete pontas, que, segundo Pena (2013), é quando o repórter proporciona uma visão mais ampla dos fatos, contextualizando as informações, como contextualizou com a trilogia Matrix do final do século 20, trazendo posteriormente para os dias de hoje. Também se pode observar que neste trecho ela utiliza a quinta ponta da estrela, pois conforme Pena (2013), trata-se de ir além do simples lide (quem, o que, como, onde, quando e por quê). É preciso utilizar técnicas literárias, de forma criativa, como fez iniciando o texto citando a trilogia Matrix e comparando à nossa realidade. Ela faz ainda duras críticas ao fato de as pessoas se alimentarem de carne, sabendo que muitos animais são sacrificados em holocaustos criados por elas mesmas, fazendo, ainda, uma analogia à trilogia dos filmes Matrix. Ela afirma que as pessoas são nazistas de outras espécies e que produzem holocaustos cotidianos. (PISONE; COUTO, 2018, p. 14).

Diante disso, entendemos que, apesar do ambiente digital ter os seus próprios princípios, como os sete principais deles catalogados por João Canavilhas (2014) e apresentados no segundo capítulo deste relatório, é possível trazer um texto literário e bem apresentado neste tipo de suporte. Um dos princípios apresentados neste trabalho que constroem o webjornalismo é a instantaneidade, que talvez seja o aspecto mais associado ao jornalismo multiplataforma. Todavia, os textos de Eliane Brum, por exemplo, também encontram um espaço para serem escritos e produzidos no ambiente digital.

A jornalista gaúcha mostra que mesmo no suporte da velocidade e da instantaneidade é possível produzir textos e criar reportagens para serem degustadas com calma e paciência.

2.5. APROXIMAÇÕES ENTRE O JORNALISMO E A HISTÓRIA

O conceito de “acontecimento” é uma discussão viva para diversos filósofos. Os transcendentais e os ontológicos. (ZIZEK, 2010). Mas apesar das diferenças de pensamentos, ambos convergem no sentido de que um acontecimento pode ser entendido como uma mudança na maneira como a realidade se apresenta para nós. Zizek (2010) explica que, filosoficamente, um acontecimento é algo concreto ou abstrato que é capaz de tirar a autonomia do ser humano. Alguns dicionários têm definições um pouco mais triviais. Na edição de 2017 do Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa, “acontecimento” é definido simplesmente como um “fato notável ou noticioso”.

E por se tratar disso, é possível pensarmos que os acontecimentos podem ingressar nos critérios de noticiabilidade pelo simples fato de serem casos notáveis. Os fatos que rompem com a normalidade são os objetos do próprio Jornalismo, que se faz necessário para publicizar a quebra desta normalidade e construir o mundo ao redor. Para Rodrigo Alsina (2009), a notícia tem a capacidade de construir a realidade das pessoas. Alguns autores, como Verón (1995) vão além e atestam que “os acontecimentos (...) só existem na medida em que os meios o elaboram”.

Pensando nesses conceitos, este capítulo tem por objetivo mostrar a proximidade da História com o Jornalismo, bem como mostrar como ambos se relacionam, mais especificamente, utilizando a História como objeto do Jornalismo.

Enquanto o jornalismo tenta se refugiar em noções vagas de objetividade, neutralidade e transparência, a História também faz uso de alguns artifícios para, se remetermos aos termos de Barthes, se revestir dos privilégios do aconteceu. Tanto o discurso da História quanto o discurso do jornalismo, portanto, tentam criar uma ilusão de correspondência imediata entre o acontecimento e a representação, de forma que a última possa se confundir com o próprio real. (CASADEI, 2010, p.50)

Para a autora, o Jornalismo e a História têm diversos aspectos em comum, e por este motivo, o presente capítulo se atentará a mostrar o desenvolvimento do jornalismo histórico e cultural ao longo dos anos, bem como à análise da grande reportagem que foi produzida com base neste relatório técnico.

2.5.1 Do papiro às telas do celular

O Jornalismo Histórico passou por diversas transformações ao longo dos séculos. Relatar os acontecimentos históricos contextualizando com o passado sempre foi uma rotina produtiva tradicional dentro das redações. Com o passar dos anos, as técnicas e tecnologias foram transformando estas rotinas, mas a construção da memória e sua preservação através da documentação jornalística continuaram firmes desde os papiros egípcios às telas de celular.

Na década de 1920, o Egito passava por um momento político conturbado. Após quase 70 anos sob domínio dos ingleses, a democracia egípcia começou a engatinhar. E foi neste contexto de mudança que aconteceu uma das maiores descobertas arqueológicas da história da humanidade: a tumba do faraó Tutancâmon. O rei egípcio viveu quase 1300 anos antes de Cristo, e seu túmulo feito de ouro maciço foi encontrado por arqueólogos britânicos praticamente intacto em 1922. Apesar da descoberta histórica, as toneladas de ouro encontradas na tumba do faraó não seriam suficientes para extrair o sarcófago de Tutancâmon. Por isso, o governo egípcio resolveu arrecadar os fundos para a expedição através da venda da exclusividade jornalística para o jornal britânico *The Times*.

Os ingleses patrocinaram as escavações e tiveram acesso direto a todas as informações a respeito do processo de extração do sarcófago, além de terem exclusividade na produção de vídeos, fotos e entrevistas com os pesquisadores. Essa relação mostra que a História como pauta do Jornalismo desde sempre se mostrou como uma oportunidade muito lucrativa, afinal, ambas as áreas tem por objetivo a construção imaginária do mundo em que vivemos. Para Casedei (2010), quando o jornalista se propõe a contar um fato histórico, ele se apresenta como próprio objeto da fala, visto que ele mesmo faz parte da História. Esse processo é contínuo e cíclico, igualando o discurso histórico e o discurso jornalístico.

Ao se configurar como o discurso de um outro, a história funciona mesmo como uma citação que está mesmo nesta esfera do não-eu, de forma que é algo externo ao jornalista que se apresenta como o produtor da fala, operando, neste ato mesmo, o apagamento da pessoa passional do jornalista e a sua substituição por uma entidade objetiva. (CASEDEI, 2010, p. 68)

Mas não é preciso desembarcar no Antigo Egito para aferir a relação entre os discursos e como se complementam. A História Brasileira é rica, densa e principalmente marcada por conflitos, que vão da chegada dos portugueses às eleições presidenciais de 2018. E para entender todo esse vórtice de informação, o Jornalismo funciona como um “separador” e o “organizador” dos acontecimentos.

Nós já vimos que os acontecimentos, ou seja, eventos do cotidiano que fogem da normalidade, são fatos dignos de nota e se configuram como objetos de notícia. Todavia, as

fugas à normalidade têm se tornado cada vez mais comuns. As relações interpessoais, sistemas de governo e processos políticos estão ficando cada dia mais complexas, dessa forma, a quantidade de acontecimentos que se transformam em informação relevante atinge níveis altíssimos diariamente. E neste cenário, a função em comum entre jornalistas e historiadores de “separador” e “organizador” é cada dia mais fundamental.

Entretanto, o papel de “gestor” da notícia nem sempre foi o ofício do jornalista. O conceito de gatekeeper, que hoje encontra-se ultrapassado, define o profissional do jornalismo como um “portal” que seleciona o conteúdo que será apresentado ao leitor. Formulada por David Manning White na década de 50, a Teoria do Gatekeeper surge das decisões domésticas para a compra de alimentos. Segundo White, as donas de casa promoviam barreiras para o que seria levado e o que seria deixado nas gôndolas dos supermercados. De acordo com o pesquisador, o mesmo se aplica aos acontecimentos que se transformam em notícias, que encontram “diques” promovidos pelos próprios jornalistas antes de chegar aos interlocutores (WHITE, 1973).

Contudo, este papel tem se tornado obsoleto diante do cenário atual, onde as notícias estão disponíveis em um vórtice de informação, em que os conteúdos se espalham por diversos meios de maneira indiscriminada e os, outrora interlocutores, passam a ter acesso direto às fontes de informação. E é justamente nesta esfera que surge o fenômeno do gatewatching.

O papel de selecionador, vigilante ou guarda-barreira no sistema digital não recai exclusivamente na organização ou no jornalista. O usuário tem muitas mais possibilidades de recusar o filtro que exerce o profissional da informação, já que pode eleger suas próprias fontes. (LÓPEZ et al, 2007, p. 67)

O pesquisador Axel Bruns foi o primeiro a utilizar o conceito de gatewatching, no ano de 2005. Para ele, a perda de força na Teoria do Gatekeeper faz com que o jornalista perca um pouco de sua importância no Jornalismo que é feito na web (BRUNS, 2005). Todavia, os jornalistas somente passaram a desempenhar outro tipo de função para gerir as informações online. E esta nova função, chamada de gatewatching, se assemelha bastante às triagens de acontecimentos e materiais feitas pelos historiadores.

Bruns (2005) explica que “os jornalistas precisam observar o material que está disponível, identificar novas informações e canalizar este material para estruturar uma notícia que seja relevante”. A teoria de Bruns muito se assemelha ao conceito do historiador Jörn Rüsen em seu livro *A Reconstrução do Passado* (2007). Para ele, os métodos utilizados pelos historiadores são escolhidos com base nos próprios pontos de vista, configurando uma

autonomia semelhante ao profissional do Jornalismo que gere as informações com base no que está disponível na web, tudo isso através de uma interpretação contextualizada e individual.

Os pontos de vista do pensamento histórico, que põem e servem de suposições na abordagem das fontes, não são extrínsecos a ele, mas alcançam-lhe o cerne da regulação metódica: que métodos vêm a ser empregados na pesquisa depende de que conhecimentos se quer obter com ela, e isso é decidido pelos pontos de vista que o pesquisador aplica à matéria. O conhecimento histórico não é construído apenas com informações das fontes, mas as informações das fontes só são incorporadas nas conexões que dão sentido à história com a ajuda do modelo de interpretação, que por sua vez não é encontrado nas fontes (RÜSEN, 2007, p.25).

Em face disso, é possível observar as relações entre os profissionais destas duas grandes áreas podem se complementar de maneira muito efetiva. Outro ponto convergente é o princípio da objetividade. Para Gomes (1991, p.25), o jornalista constrói uma realidade midiática com base em sua observação da realidade social, ou seja, dos fatos que acontecem, que, segundo o teórico, são “estáveis, absolutos e disponíveis”. Dessa forma o ofício do repórter é apresentar ao interlocutor, da maneira mais “pura” possível, a realidade em que ele esteve presente.

Para tanto, o conceito de objetividade não é senso comum entre os teóricos do Jornalismo. Há quem prefira entender que é impossível realizar uma comunicação “livre de impurezas”, já que até mesmo a escolha das palavras para explicar um acontecimento pode configurar uma mudança de semântica. Segundo a jornalista Tuchman (1983), não existe possibilidade de contar uma história sem impor algum juízo de valor sobre ela.

É impossível a separação entre o relato de um fato e o juízo de valor sobre ele. Todo conhecimento do fato envolve uma forma específica de como isso se faz, isto é, determina-se a “trama da faticidade” como toda realidade possível e desenvolve-se o aparato institucional que forma a imprensa imbricada em torno daquela estrutura. A cobertura jornalística então seria uma realização artificial sintonizada de acordo com formas específicas de entender a realidade social. Essas formas de entendimento, constituídas como processos e práticas de trabalho específicas, legitimam o status quo (TUCHMAN, 1983, p.229)

Apesar das divergências, o ponto comum entre as teorias é que os jornalistas, de certo modo, buscam esta objetividade, muito embora ela não seja atingida com frequência. Em face disso, é possível relacionar esta peculiaridade aos estudos pedagógicos em História, que buscam a expressão de fatos históricos de maneira objetiva, clara e direta, semelhante a uma notícia de jornal, para o pleno entendimento a quem se ensina.

Na educação infantil, a contação de histórias é sempre observada como uma ferramenta de aprendizagem importante. O educador Lyéde Ruggero de Barros Nóbrega defende que a contação de histórias segue um esqueleto e brinca com os elementos textuais sempre buscando a realidade, em uma definição que se assemelha ao processo de construção da notícia:

A contação de histórias mantém uma estrutura fixa, partem de um problema vinculado à realidade que desequilibra a tranquilidade inicial, buscam soluções no plano da fantasia e necessitam de elementos mágicos para, enfim, trazer de volta a realidade, possibilitando à criança interação com um mundo bem próximo de seu modo de percepção do mundo. (NÓBREGA, 2009, p.20)

Um exemplo interessante é a utilização de aplicativos de celular para a contação dessas histórias, também em formatos de notícias. Muitas aplicações utilizam-se de uma linguagem jornalística e de um design de webjornalismo para ensinar sobre fatos históricos.

O aplicativo LookHistória foi criado em 2016 com objetivo de ser uma ferramenta de estudo e aprendizado sobre História para estudantes e também para qualquer tipo de pessoa. Ele pode ser baixado na Play Store e conta com nove categorias de estudo, que podem ser acessadas pelos usuários mesmo sem conexão com a internet. Em cada categoria, os usuários têm acesso aos conteúdos de maneira didática, objetiva e direta.

Em face disso, a relação entre estas duas grandes áreas proposta neste capítulo é refletida também no produto do qual foi feito este relatório técnico-teórico. Além deste estudo, faz-se necessário compreender os estudos acerca do Jornalismo Cultural, que também pode ser observado na grande reportagem “Os guardiões de São Francisco”.

2.5.2 O enfraquecimento do jornalismo cultural

Ao fazer uma breve análise sobre o jornalismo de cultura nos canais de comunicação na Paraíba, é possível perceber uma superficialidade que vem se estendendo na mídia tradicional. As emissores de televisão com mais audiência do Estado, de acordo com a pesquisa de Ibope divulgada no dia 21/10/2020 pelo Instituto Kantar Ibope Media, TV Cabo Branco, afiliada da TV Globo na Paraíba, e TV Correio, afiliada da Record TV na Paraíba, destinam pouco tempo de suas grades de programação para falar sobre a cultura paraibano. Normalmente, a editoria limita-se a quadros de agendas de eventos, como é o caso do “Qual é a boa?” da TV Cabo Branco e do “Agenda Cultural”, da TV Correio. Também é possível

observar alguns programas de rádio que limitam dois ou três minutos para análises e críticas de filmes *blockbusters* recém-lançados nos cinemas locais.

Apesar de parecer uma função simplória e limitada, a análise e crítica de conteúdos foram as primeiras características do jornalismo cultural em seus primórdios no século XX no Brasil. Muitas revistas e folhetins surgiram com o intuito de emitir opiniões sobre a cena cultural brasileira, todavia, muitos destes canais acabaram censurados pela ditadura militar.

O jornalismo cultural começou a ganhar a sua forma atual na segunda metade do século XX, tendo como principais características os comentários sobre o cotidiano cultural (normalmente apresentados nos cadernos diários) e as coberturas mais aprofundadas para as edições de fim de semana. Juntamente com isso, começam a surgir algumas revistas que buscavam abordar uma cobertura cultural mais diferenciada. Entre essas, podemos destacar a revista O Pasquim, que fora bem aceita pelo público, mas não resistiu por muito tempo nesse período ditatorial. (ANDRADE; ORSATTO, 2012, p.7).

Ainda é importante notar que outros importantes instrumentos de divulgação do jornalismo cultural na Paraíba foram acabando com o tempo, como é o caso do Caderno 2, do Jornal Correio da Paraíba, que foi extinto junto com o resto do jornal no ano de 2020. O último editor do Caderno 2 é um dos expoentes desta editoria na Paraíba, Renato Félix. Apesar disso, alguns veículos públicos ainda desempenham um trabalho efetivo e detalhado no âmbito do jornalismo cultural. A Rádio Tabajara traz programas e reportagens sobre a cena cultural paraibana, sobre novos artistas e resgate de clássicos da música, das artes e do cinema. Além disso, também há o suplemento do Jornal A União, conhecido como Correio das Artes, que circula há 65 anos em todo o Estado da Paraíba. O Jornal A União é o único jornal impresso que circula no Estado da Paraíba, atualmente. O veículo estatal é gerido e mantido pelo Governo do Estado da Paraíba.

Diante disso é possível perceber um cenário de subjugamento do jornalismo cultural frente a outras editorias. A partir desta posição desprivilegiada, o jornalismo cultural precisou se adaptar e modificar suas formas. Críticas rasas, resenhas e agendas culturais não satisfazem mais os interlocutores. Para Piza (2004), pesquisador de jornalismo e cultura, a crítica cultural precisou se modernizar junto com os próprios meios e suportes para que não ficasse “para trás”:

O crítico cultural agora tinha que lidar com ideias e realidades, não apenas com formas e fantasias. [...] Até a virada para o século XX, o jornalismo era feito de escassos noticiários, muito articulismo político e o debate sobre livros e artes. Mas a modernização da sociedade transformou a imprensa. [...] O jornalismo cultural também —esquentou! descobriu a reportagem e a entrevista, além de uma crítica da arte mais breve e participante. Das

conversações sofisticadas de Addison e Steele até as resenhas incisivas de Zola, Kraus e Shaw, o jornalismo cultural tomou sua forma moderna. (PIZA, 2004, p.19).

O jornalismo cultural surge como um escape e um alívio diante das demais editorias. O caderno que fala sobre música, arte e cinema funciona como um respiro diante das demais editorias que tem por principal objetivo tratar de temas densos e considerados mais burocráticos como política e economia. Para tanto, a fim de tornar esta fundamentação teórica mais detalhada, no capítulo seguinte será analisada a forma como o Centro Cultural São Francisco é retratado na imprensa paraibana e as diferenças destas abordagens com o produto “Os guardiões de São Francisco”.

2.5.3 A exposição do Centro Cultural São Francisco na mídia

Para a produção desta reportagem foi necessária a observação e clipagem de diversos outros textos jornalísticos que tinham como objeto o Centro Cultural São Francisco. Foi a partir da análise deste material que propusemos uma abordagem diferente das demais encontradas até então. A pesquisa foi realizada através dos arquivos digitais de jornais impressos, revistas e portais de notícias que produziram reportagens sobre o Centro Cultural de maneira direta ou indireta. A seguir, será realizada a análise destas matérias.

É importante ressaltar que as reportagens encontradas têm basicamente três tipos: as *históricas*, que buscam contar um pouco das origens do Centro Cultural e da importância dele para a cidade de João Pessoa, e para isso, trazem um texto mais elaborado e bem fundamentado com fontes oficiais e personagens. Há também as reportagens meramente *informativas*, que trazem horários de funcionamento e programação de eventos do Centro Cultural. Por fim, há também as matérias de cunho *turístico*, que geralmente são feitas por blogs ou portais que trazem a experiência pessoal de turistas que visitaram o local e narram suas análises da visita ao Centro.

Ao todo, foram selecionadas seis reportagens que têm o Centro Cultural São Francisco como objeto. Duas reportagens tiveram como objetivo informar os horários de reabertura do Centro Cultural após o período em que o local ficou fechado devido a pandemia de covid-19. As matérias são dos portais T5 e ClickPB. Os dois textos apresentam uma construção bastante objetiva e direta, com lide e corpo bem definidos. A reportagem do T5 descreveu os novos horários de abertura e as medidas de higiene adotadas, enquanto o portal ClickPB se limitou a

reproduzir a nota divulgada pela administração do Centro Cultural. Dessa forma, é possível inferir que ambos os textos se enquadram como matérias informativas, que, como dito anteriormente, tem por principal objetivo a repercussão direta de um serviço oferecido pelo Centro Cultural São Francisco.

Figura 1 - Manchete de reportagem do Portal Click PB



Fonte:¹

Além das reportagens de cunho informativo, também foram encontradas diversas matérias feitas por profissionais do turismo. É importante ressaltar que estes textos não têm comprometimento jornalístico, já que são disponibilizados em blogs e têm como principal objetivo dar detalhes sobre o passeio ao Centro Cultural, bem como a experiência própria das pessoas que passaram por lá. Os sites ‘Espionando pelo mundo’ e ‘Turismo e ETC’ têm abrangência nacional e fizeram uma análise do Centro Cultural São Francisco em anos diferentes. O primeiro deles é mais antigo. O texto de 2017 é bem rico em informações, muito embora algumas delas estejam equivocadas, como dizer que as capelas que compõem o complexo fazem parte da mesma administração, ou chamar de “claustro” o pátio principal do Centro. Apesar disso, o texto traz informações sobre horário de funcionamento, valor da entrada e um pouco sobre a experiência pessoal dos turistas que frequentam o local.

Já o site ‘Turismo e ETC’ traz um texto mais elaborado e contextualizado. O autor relaciona bem o Centro Cultural com os bairros do Rangel, Varadouro e Centro, mostrando na

¹ Disponível em: <

<https://www.clickpb.com.br/paraiba/centro-cultural-de-sao-francisco-em-joao-pessoa-reabre-para-visitacao-com-horario-reduzido-partir-de-1-de-setembro-290012.html>>. Acesso em: 8 SET. 2020.

matéria, inclusive, outras localidades turísticas próximas à Igreja, como a Praça Antenor Navarro e o Hotel Globo.

Figura 2 - Manchete do site Turismo ETC



*Fonte:*²

Por fim, foram encontradas reportagens de caráter histórico, que são mais ricas em detalhes e com diversidade de fontes. Os dois textos analisados que têm estas características foram publicados em veículos de comunicação mais tradicionais. A primeira delas foi escrita pelo jornalista Carlos Cavalcante para o Jornal A União, o jornal impresso mais antigo do Estado da Paraíba e o único em circulação atualmente. A reportagem de Carlos traz uma abordagem artística sobre as obras, esculturas e arquitetura do Centro Cultural São Francisco. O texto traz falas de uma arquiteta que comenta sobre os estilos e vanguardas artísticas empregadas nas estruturas do complexo. Além disso, um padre que também é artista plástico contribui para o texto com sua experiência pessoal, visto que muitas das obras do sacerdote compõem as exposições do Centro Cultural.

Passando do impresso para o webjornalismo, o portal G1, ligado ao Grupo Globo e um dos mais acessados do Estado, de acordo com o site Alexa³, publicou uma matéria no dia 18/10/2019 que tem como objeto principal o Centro Cultural São Francisco. O texto curto detalha a história do local desde sua criação até os dias de hoje, e também versa sobre a arquitetura única da fachada principal. É importante ressaltar que a matéria em questão é um

² Disponível em: < <https://turismoetc.com.br/centro-de-joao-pessoa-guarda-perola-franciscana/>>
Acesso em: 20 SET. 2020.

³ Alexa: <https://www.alexa.com/siteinfo/g1.com.br>

conteúdo patrocinado, e, apesar de publicada pelo portal G1 Paraíba, tem como fontes o Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea/Crea).

Figura 3 - Manchete do Portal G1 Paraíba



Fonte:⁴

⁴ Disponível em:

<https://g1.globo.com/pb/paraiba/especial-publicitario/confea/noticia/2019/10/18/centro-cultural-sao-francisco-representa-a-historia-viva-do-povo-paraibano.ghtml>> Acesso em: 20 SET. 2020.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma extensa pesquisa bibliográfica, uma série de entrevistas com pessoas ligadas ao objeto principal de estudo, bem como, a partir de uma considerável produção de conteúdo referente ao Centro Cultural São Francisco, que compreendeu vídeos, fotografias, tour virtuais, podcasts e músicas. Para tanto, pessoas de diferentes classes sociais e níveis culturais contribuíram com o resultado final deste projeto: a grande webreportagem ‘Os guardiões de São Francisco’.

Além dos processos citados, também é importante destacar as pesquisas em profundidade realizadas através de fóruns virtuais que reúnem autores e historiadores especialistas em História da Paraíba. A análise deste material, na medida dos aspectos semióticos de leitura, também foram elementos colaboradores no processo de construção da pesquisa.

É importante ressaltar que a metodologia empregada na construção deste produto seguiu um rito natural. Ou seja, primeiramente foram feitas as visitas de campo, a ida até o local objeto do estudo, a captação das imagens, entrevistas e vídeos, para só então, o texto começar a ser produzido pelo autor, observando a necessidade de vivenciar o local e a experiência de diálogo com os personagens. Esta necessidade surge pelo fato de que o texto a ser escrito não é um texto comum. Ao optar pelo uso do Jornalismo Literário como ferramenta para construção da webreportagem, o autor compromete-se a sentir ‘na pele’ o seu objeto de pesquisa. Para tanto, o toque, a presença, o cheiro, o olhar e a relação direta com o Centro Cultural São Francisco foram essenciais para que o texto revelasse toda a intimidade entre palavras e experiências.

Apesar disso, o conteúdo não deixa de permear no eixo do Jornalismo, com isso, a metodologia foi desenvolvida em um escopo jornalístico, através de autores e referenciais teóricos da área. Assim, tanto o trabalho de construção multimídia quanto a produção textual que constitui este relatório, estão embasados nos elementos e teorias do Jornalismo como pesquisa documental, entrevistas, pesquisa bibliográfica em jornalismo, e até mesmo quanto aos objetivos. Portanto, a pesquisa se constitui segundo sua natureza qualitativa, bibliográfica e documental.

Em face disso tudo, um conceito que rege os procedimentos metodológicos do presente trabalho é o do capital-cultural, conforme Bourdieu (1998). A escolha por este determinado objeto de estudo surge justamente de uma inclinação própria do autor, com base

em conhecimentos e valores que ele carregava anteriormente, neste caso, a relação próxima e íntima com a cidade em que mora e mística folclórica presente no Centro Cultural.

Capital cultural incorporado - saberes referentes às questões metodológicas da área da Comunicação para desenvolver as práticas de pesquisa de forma abrangente e reflexiva. Exige uma incorporação, uma aquisição realizada pessoalmente pelo sujeito, que investe seu tempo para ‘cultivar-se’. “O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da ‘pessoa’, um habitus” (BOURDIEU, 1999, p. 74-75)

Abaixo, serão relatados os procedimentos práticos e teóricos para a produção da webreportagem. Os métodos e ferramentas utilizados pelo autor em cada parte do processo metodológico serão destacados em cada tópico consequente.

3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

A fase inicial de qualquer reportagem começa na pauta. Antes de despejar o texto no papel, é preciso saber o que será escrito. Neste caso, como a pauta e a reportagem foram feitas pelo mesmo profissional, diferentemente do que acontece nas redações de meios de comunicação privados, o entendimento do ‘pauteiro’ e do repórter foram menos ruidosos ou problemáticos.

Inicialmente, o produto foi pensado como uma grande reportagem sobre as principais igrejas do Centro Histórico de João Pessoa, todavia, o Centro Cultural São Francisco foi o primeiro a ser visitado, e diante de tantas histórias a serem exploradas, a pauta inicial ‘caiu’, como diz o jargão jornalístico. Ou seja, o encaminhamento do material final foi modificado. A partir deste momento, a reportagem seria destinada a relatar a história do Centro Cultural São Francisco e a relação dele com a cidade de João Pessoa. Entretanto, mais uma vez os planos foram mudados. A partir da riqueza de detalhes que os personagens e suas histórias passaram a demonstrar, o encaminhamento da pauta novamente sofreu alterações. A partir daí, o produto terá como mote a vida de cinco personagens que se dedicam a cuidar do Centro Cultural São Francisco de diferentes formas, a partir de suas possibilidades.

Para ter acesso ao Centro Cultural São Francisco foi preciso agendar uma visita, já que não iríamos ao centro com o simples dever de participar de uma visita turística. Portanto, após agendamento com a direção do Centro, nossa visita foi autorizada para a captação de vídeos e fotografias do local. É importante lembrar que determinados locais não podem ser acessados

pelos visitantes e muito menos fotografados por eles. Outro adendo importante a ser feito é que a produção das entrevistas foi feita durante o período de pandemia de Covid-19 que atingiu todo o mundo a partir do mês de Março de 2020. Diante disto, o cronograma precisou ser adaptado à disponibilidade do Centro Cultural São Francisco, que ficou fechado de Março até o mês de Agosto, quando reabriu com restrições.

Este momento de captação e coleta de informações com os diretores e historiadores do local foi, sem dúvida, o mais importante de toda a produção do presente trabalho. Foi neste momento que a alma da reportagem começou a surgir. Conforme dito anteriormente, para produzir uma reportagem com este grau de profundidade histórica e sentimental, a presença e as experiências pessoais foram fundamentais.

Com isso, na primeira visita, o diretor cultural José Augusto de Moraes foi o primeiro a ser entrevistado. A partir do relato dele foi possível construir o texto da reportagem, principalmente no que tangem os fatos históricos. Além disso, fez-se extremamente necessária a presença de um profissional do audiovisual neste momento, para que a captação das esculturas e detalhes da Igreja fossem registrados da melhor maneira possível.

Ao entrar em qualquer recinto do Centro Cultural São Francisco, os visitantes são bombardeados com detalhes, esculturas, elementos sacros, móveis, pinturas e objetos que são carregados de histórias e de importância fundamental para o entendimento de cada local. Todo objeto faz parte de uma vanguarda artística que apresenta detalhes e características altamente únicas. Por este motivo, a presença de um olhar sensível a estas peculiaridades foi fundamental.

Para produção das fotografias e vídeos que compõem a grande reportagem foram utilizados basicamente dois equipamentos principais: uma câmera fotográfica DSLR Canon EOS Rebel t4i, munida de um tripé Manfrotto e de uma lente Canon EF 50mm; além de um iPhone 7 Plus munido de uma luz de led.

Através do uso destes equipamentos, foi possível captar as imagens necessárias à composição da grande reportagem. Faz-se necessário lembrar que a captação eficaz dos conteúdos, ou seja, filmando e fotografando apenas o necessário, porém, sem economizar tempo, foi um diferencial para a etapa de produção e edição, que será detalhada no tópico seguinte.

É importante lembrar que o texto da reportagem sofreu diversas modificações ao longo do processo de produção. Inicialmente a reportagem tinha um caráter muito mais histórico e do que literário. Foram utilizados, em um primeiro momento, personagens que falaram de

suas relações com a cidade de João Pessoa, visto que, em um primeiro momento, o texto seria voltado para estabelecer a relação entre a capital paraibana e o Centro Cultural. Todavia, com a mudança de planos, as inserções dos personagens que tinham relação com a cidade foram trocadas pela participação dos “guardiões” de São Francisco.

Ainda em um primeiro momento, a plataforma escolhida para dar suporte à reportagem foi o portal InovaPB, que cederia o espaço para que o produto fosse publicado. Todavia, a falta de recursos e possibilidades da plataforma WordPress, onde o site é hospedado, tornou inviável a publicação neste espaço, fazendo com que optássemos pela plataforma WIX, que será detalhada no capítulo de pós-produção.

3.2 PRODUÇÃO

Quem se propõe fazer uma reportagem multimídia deve estar ciente de que é necessário o emprego de diversas formas de linguagens para que o conteúdo fique acessível e capaz de seduzir o leitor a consumir aquela reportagem. As maneiras de fazer isso foram bem esmiuçadas no capítulo em que falamos sobre os sete princípios do webjornalismo, definidos por João Canavilhas (2014).

Para tanto, não basta utilizar todos os recursos que o webjornalismo disponibiliza aos jornalistas de maneira indiscriminada. Faz-se necessário o uso consciente e sóbrio de todas essas possibilidades, como fora feito na reportagem em questão, que utiliza áudios, podcasts, vídeos, imagens, tours virtuais e textos. Apesar da grande quantidade de linguagens, foi preciso conciliar todos estes formatos para que se complementam. Dancosky (2014) revela que as diversas mídias que compõem uma grande webreportagem precisam dialogar entre si, e não se sobrepor.

Desmembrando a caracterização do autor, é possível dizer que a hipermídia abarca cinco das seis características sistematizadas por Palacios (2003), porém de maneira conjunta e atualizada. Gosciola refere-se a um “conjunto de meios”, ou seja, multimeios (ou multimídia), utilizados concomitantemente, com ênfase na interatividade não linear (em outras palavras, além de o usuário poder interagir com o texto na forma de comentários, compartilhamento, e até na produção, também há uma navegabilidade possível entre os conteúdos – que não devem se sobrepor e sim se complementar). (DANCOSKY, 2014, p. 7)

Em face disso, a produção da reportagem em questão contou com a confecção de pelo menos 50 fotografias que receberam tratamento digital através do programa Adobe Photoshop

Lightroom 7.5; quatro vídeos curtos que mostram imagens de quatro dos principais locais do Centro Cultural São Francisco: a capela de Santo Antônio, a capela de São Francisco, o pátio principal e os aposentos internos. Todos foram editados no programa Adobe Premiere CC 2018. Além disso, dois áudios foram produzidos. O primeiro deles, convida os leitores a ouvir a música ‘Passear’, do cantor Lucas Queiroga, que fala sobre a cidade de João Pessoa, especificamente sobre o Centro Histórico; e o segundo áudio utilizado trata-se de uma crônica do jornalista Carlos Pereira, que faz parte do quadro Crônicas da Cidade, da Rádio Tabajara, e fala sobre as ruas do bairro do Varadouro, onde se localiza o Centro Cultural São Francisco. Entretanto, é importante lembrar que nem todos os materiais produzidos foram utilizados na reportagem.

Além de todos esses formatos tradicionais, a reportagem ‘Os guardiões de São Francisco’ também é composta por instrumentos interativos de navegação. O primeiro deles são tours virtuais, onde os leitores podem explorar localidades do Centro Cultural através de fotografias feitas em 360°. Com o movimento do mouse, os leitores podem explorar o pátio principal da Igreja, que contém azulejos portugueses do século XVII, além de visitar as capelas de Santo Antônio e São Francisco, podendo passear pelos bancos das igrejas e contemplar as pinturas nos tetos e as esculturas barrocas e rococós que decoram os templos.

A produção textual foi toda realizada com técnicas do Novo Jornalismo, movimento criado por jornalistas como Gay Talese, Tom Wolfe e Norman Mailer. Para tanto, foram seguidos, essencialmente, quatro conselhos estabelecidos por Tom Wolfe (1975): a construção de cenas, os diálogos realistas, os detalhes e o ponto de vista.

A construção das cenas já foi abordada neste relatório, mas, basicamente, refere-se à criação de cenas para relatar as experiências dos personagens, inclusive com a definição de blocos de cenas para definir bem os acontecimentos da trama. Para Wolfe, “os escritores mais talentosos são aqueles que conseguem manipular a memória do leitor de uma forma tão rica que conseguem criar dentro da mente dele um mundo que ressoa com emoções verdadeiras” (WOLFE, 1975).

Os diálogos em discurso direto têm por objetivo humanizar e tornar as falas dos personagens mais reais e palpáveis ao leitor. Diferente de uma reportagem tradicional, o texto literário não ficcional não carrega uma alma formal de fontes oficiais. Wolfe (1975) ainda defende os detalhes como principal elemento do Novo Jornalismo. Para o autor, são os pequenos detalhes observados pelo jornalista que acabam fazendo a diferença no texto.

O jornalista deve gravar todos os detalhes que possam ter algum significado simbólico para a história. Esses detalhes não devem ornamentar o texto, mas sim servir para criar uma atmosfera ou um significado. Um exemplo é o romance *A Prima Bette*, de Balzac. O autor francês usa os objetos da sala de estar dos personagens Mounsier e Madame Marneffe para mostrar o status e as aspirações sociais deles. Um tapete barato que se deteriora com o tempo ou estátuas de gesso que imitam bronze servem para revelar a condição de alpinistas sociais. (WOLFE, 1975).

Além disso, todos estes elementos acabam convergindo para apenas um: o ponto de vista do personagem. Expor diretamente as falas dos indivíduos, apresentar todos os detalhes dessas experiências e construir cenas não ficcionais fazem com que a visão da personagem sobre os fatos sejam o objetivo maior do texto. Na reportagem “Os guardiões de São Francisco”, a história do Centro Cultural é relatada apenas a partir da experiência dos cinco personagens principais, que através de suas próprias histórias de vida, contribuem para a preservação do Centro Cultural São Francisco.

Por fim, ao longo da reportagem, são colocados perfis de rede sociais que complementam os conteúdos do texto. A utilização de uma mídia externa para complementar o conteúdo de outra mídia, caracterizando o fenômeno transmídia. Para Henry Jenkins (2006), este conceito pode ser simplificado como um “fluxo de conteúdos por múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação”. A reportagem disponibiliza um hiperlink para um perfil do artista italiano Roberto Ferri, que produz esculturas e pinturas semelhantes às presentes nas capelas do Centro Cultural. Dessa forma, os leitores que se interessam por esta temática, podem ter acesso a um conteúdo complementar.

Os sete princípios do webjornalismo que foram detalhados anteriormente também foram observados para a produção do produto. A hipertextualidade foi utilizada na inserção de hiperlinks que direcionam o leitor a outras páginas com elementos complementares. Em determinado parágrafo, quando o autor versa sobre a história do Centro Cultural São Francisco, algumas palavras estão com hiperlinks que direcionam a outra página com informações mais aprofundadas sobre aquele tema em específico. A capacidade de memória disponibilizada pelo conteúdo digital foi fundamental para construção do texto, visto que, como o trabalho se propôs a utilizar tanto técnicas de jornalismo literário quanto a diversidade de mídias, o espaço físico de um jornal impresso ou o limite de tempo de uma televisão ou rádio não seriam suficientes para arquitetar todo o conteúdo proposto. Princípio da interatividade seletiva foi utilizado na construção da matéria ao permitir que o leitor interaja com as imagens fotografadas em 360°, por exemplo. A ubiquidade está intrínseca ao objeto

pelo simples fato de ser um produto webjornalístico que pode ser acessado em qualquer lugar do mundo e a qualquer momento. o princípio da personalização está intrínseco à produção de uma webreportagem, visto que quem deseja ter acesso ao conteúdo histórico sobre a cidade de João Pessoa e suas relações com a Igreja Católica, possivelmente receberá este conteúdo através dos algoritmos presentes na rede mundial de computadores. Por fim, o princípio da instantaneidade não foi empregado, visto que se tratava de uma matéria sem caráter factual, mas sim histórico e documental. Dessa forma, não seria necessário utilizar de uma ‘imediatez’ em sua publicação.

A etapa da pós-produção foi composta pela edição do texto e a escolha da ordem disposição dos conteúdos na página da web. Este processo será detalhado de maneira mais profunda no tópico seguinte.

3.3 PÓS-PRODUÇÃO

Todo o material produzido e editado foi hospedado na plataforma de websites Wix, com um domínio que pertence ao autor da reportagem. O site é hospedado no servidor WordPress, que possibilita a implementação de todos os elementos gráficos, textuais e interativos que foram desenvolvidos ao longo da produção.

Além disso, a etapa de pós-produção contou com a inserção dos elementos textuais na reportagem. Como explicado no tópico anterior, é necessário que o autor exerça o princípio da complementaridade na hora de dispor os recursos disponíveis. Para tanto, os elementos textuais servem como conectores dos demais blocos informativos. Canavilhas (2007) lembra que os elementos gráficos e textuais de uma reportagem não devem ser dispostos de maneira negligente em um produto jornalístico. Mais do que a complementaridade, é preciso a integração.

Ao longo de toda a reportagem, o autor não utilizou blocos textuais muito extensos, se preocupando em dividir e complementar os conteúdos entre vídeos, fotos e demais elementos interativos. Inicialmente, é apresentado o título da reportagem, “Os guardiões de São Francisco”, seguida por um subtítulo explicativo, que detalha o assunto que será abordado na reportagem. Ao fundo destas frases foram colocadas imagens do Centro Cultural São Francisco em um vídeo produzido pelo próprio autor.

A reportagem foi dividida em seis grandes capítulos: ‘O guardador de carros e de igrejas’, ‘O malandro consciente’, ‘Augusto dos Santos’, ‘Martim e a baleia’, ‘Obediência,

Pureza e Pobreza’, e ‘A fé e a cultura’. Os cinco primeiros capítulos narram as histórias e a relação de cinco personagens com o Centro Cultural São Francisco. Como especificado nos capítulos anteriores, o texto é construído através de relatos pessoais, descrições detalhadas e construção de cenas e diálogos de experiências vividas pelos personagens. Já o último capítulo funciona como um fechamento da grande reportagem, onde o autor faz uma relação das duas principais características que formam o Centro Cultural e que também estão presentes em todos os relatos dos personagens principais: a fé e a cultura.

Nas laterais da landing page foram colocadas esculturas que fazem referência às que são encontradas no Centro Cultural. As colunas em arte barroca com influências do rococó tropical, típico do Nordeste brasileiro enfeitam o ambiente da reportagem e contribuem para o entendimento da história através de uma ilustração das tendências artísticas do complexo.

As fotografias também foram escolhidas com base nas histórias dos personagens a serem contadas. Nem todos autorizaram o uso de suas imagens, como é o caso de Martim Santana da Silva. Todavia, Esmeralda Figueiredo, Antônio Mendonça, Thales Veloso e Augusto Moraes autorizaram o uso de suas fotografias, e são ilustrados em seus determinados capítulos. Além disso, a reportagem também é composta por fotografias das obras de arte, dos detalhes das capelas e das pinturas do teto que compõem o Centro Cultural São Francisco.

Os dois vídeos que fazem parte da reportagem foram produzidos no interior do Centro Cultural e têm funções diferentes: o primeiro deles mostra os detalhes da capela de São Francisco, administrada pela Ordem Terceira. Como o texto tem como principal objetivo narrar a experiência de Esmeralda Figueiredo com o local objeto de estudo, o vídeo acaba servindo como um complemento de informações de cunho técnico e histórico a respeito da capela onde Esmeralda trabalha. Já o segundo vídeo tem uma função mais estética e poética. Ele representa uma música cantada pelo grupo Sons da Igreja, que une perfeitamente a cultura e a fé, que é o tema principal do último capítulo da reportagem.

Nota-se no texto uma preocupação em torná-lo leve, mas ao mesmo tempo informativo, para tanto, na pós-produção, foi necessário uma revisão atenta para que eventuais deslizes ortográficos e gramaticais não tivessem passado despercebidos.

É importante ressaltar que ao longo de todo o processo criativo para concepção desta reportagem ela passou por diversas formas e abordagens. O projeto inicial seria uma grande reportagem com a história de cada umas das sete igrejas que foram construídas no centro histórico de João Pessoa, todavia, por dificuldades técnicas e estruturais, resolvemos focar apenas no Centro Cultural São Francisco. Em seguida, a abordagem do produto seria voltada

para o aniversário da cidade de João Pessoa. O objetivo seria contar a história da fundação do município através do Centro Cultural. Entretanto, mais uma vez, esbarramos nas dificuldades técnicas. Por fim, o presente projeto foi adaptado para que fosse construído um texto semelhante ao estilo de Truman Capote, guardadas as devidas proporções, através da construção de cenas e diálogos intercaladas com as detalhadas descrições dos ambientes e acontecimentos. E diante destas alterações, notamos que o produto final tem um reconhecido valor acadêmico e jornalístico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face do que foi explanado no presente trabalho ao longo dos capítulos anteriores, é possível entender que o Jornalismo Literário encontra nos ambientes digitais um novo espaço para ser bem desenvolvido. Se o gênero nasceu na década de 1960 tendo o papel como suporte, atualmente, os sites, blogs, redes sociais e landing pages surgem como ferramentas de relação e compatibilidade direta com os gêneros jornalísticos literários.

É possível também concluir que o jornalismo histórico e cultural podem ser incorporados a textos com caráter literário, a fim de que o produto jornalístico final dialogue com diversos estilos, com objetivo de promover um produto complexo e com valor não apenas estilístico, mas também informativo.

Nota-se que a grande webreportagem “Os guardiões de São Francisco” acaba desempenhando um papel pioneiro em trazer a temática da fundação do Centro Cultural São Francisco, a relação com a cidade de João Pessoa e com seus moradores, de uma forma esteticamente divertida para os leitores, mas ao mesmo tempo com um elevado valor histórico, cultural e literário.

O produto em questão cumpre com o objetivo de estreitar os laços entre o texto jornalístico e a estética ficcional com a utilização do Jornalismo Literário. A partir da construção das cenas reais em que se envolveram as personagens do texto, das descrições detalhadas e da transcrição de diálogos é possível entender que a reportagem “Os guardiões de São Francisco” consegue subverter a rotina produtiva de textos jornalísticos.

Também é possível notar que o produto multiplataforma produz uma interação amplamente acessível com os leitores, construindo um engajamento dos que interagem com o produto. Esta tentativa foi buscada durante a pré-produção do conteúdo. Além disso, a reportagem “Os guardiões de São Francisco” cumpre o objetivo de ser ubíqua, estando disponível em diversas plataformas digitais.

Por fim, entende-se que o produto final consegue se estabelecer como um documento histórico sobre o Centro Cultural São Francisco. O texto funciona como um elemento de preservação da memória daquele local e conseqüentemente das personagens que compõem a história. Diante da análise dos conteúdos produzidos sobre o Centro Cultural, foi cumprido o objetivo de construir uma reportagem que abordasse não apenas os aspectos humanos, mas também históricos do Centro Cultural São Francisco.

Diante disto, é possível estabelecer parâmetros futuros para que este tipo de abordagem possa ser realizada com outros monumentos históricos e pontos turísticos da capital paraibana, que dispõem de histórias ricas e principalmente de pessoas que têm suas vidas relacionadas diretamente com estes locais. O trabalho em questão pode servir como régua para que outros textos multiplataforma e com estética literária abordam elementos culturais e históricos que tenham relação com a cidade de João Pessoa. Esta união entre o digital e o literário pode produzir bons conteúdos em diversos formatos e com diversos objetos de estudo.

Além de todos estes pontos abordados, um deles torna-se o mais essencial: os seres humanos. Ao ler o título e subtítulo da grande reportagem “Os guardiões de São Francisco: a história do Centro Cultural São Francisco pela voz de seus guardiões”, é natural pensar que o texto terá como principal foco a igreja, as paredes e a história do complexo cultural-religioso. Todavia, são os personagens e suas histórias que tornam este trabalho único. Muito mais pela relevância e distinção dos relatos dos personagens do que por qualquer elemento técnico que tenha sido incrementado ao texto.

As vozes de Antônio, Augusto, Thales, Esmeralda e Martim são as vozes que fizeram o Centro Cultural São Francisco falar. “Os guardiões de São Francisco” é a prova de que a união entre Jornalismo Literário, história, cultura e pessoas pode gerar belíssimos frutos.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Editora Vozes. Barcelona-ESP, 2009.
- ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. **Aspectos e Impasses da poesia de Patativa do Assaré**. São Paulo/SP: Universidade de São Paulo, 2008.
- ANDRADE, Rhayene; ORSATTO, F. Luzia de Oliveira. **Enlaces do caderno G: jornalismo cultural e os gêneros vigentes**. 2012. Disponível em: <<http://www.adverbio.fag.edu.br/ojs/index.php/RA/article/view/3>>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- ARAÚJO FILHO, Hildeberto Barbosa. **Chico Pereira: memória cultural, cultura da memória**. Correio das Artes, v. 1, p. 38-39, 2012.
- BIANCHIN, Neila e OLINTO, Antônio. **Romance Reportagem**. Florianópolis: Editora DAUFSC, 1997.
- BOURDIEU, Pierre et al. **Ofício de Sociólogo**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRADSHAW, P. **Instantaneidade: O 3º princípio do jornalismo na era digital**. Canavilhas, R (Org.). Livros LabCom Covilhã, UBI, 2014.
- BRUNS, A. (2003). **Gatewatching, not gatekeeping: Collaborative online news**. Media International Australia, 107, 31-44. Gordon S. Wood (2002), *The American Revolution: A History*, New York: Modern Library.
- CANAVILHAS, J. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Introdução. ____ (Org.). Livros LabCom. Covilhã, UBI, 2014.
- CANAVILHAS, João; COLUSSI, Juliana. **Jornalismo em ambientes multiplataformas: diálogos convergentes**. Revista Latino-americana de Jornalismo Âncora, Universidade Federal da Paraíba, 2016.
- CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. Universidade da Beira Interior. BOCC. Covilhã, UBI, 2007.
- CÂNDIDO, Gemy. **História crítica da literatura paraibana**. João Pessoa: SEC, 1983.
- CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. Random House; Companhia das Letras, 1975.
- CARVALHO, Pedro Henrique Varoni; SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. **O papel da imagem em “Uma Revista Para quem Gosta de Ler”**: Piauí. Revista da ANPOLL, 2009. Disponível em: . Acesso em: 13 mai. 2011.
- CASADEI, Eliza Bachega. **Jornalismo e resignificação do passado: os fatos históricos nas notícias de hoje**. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo-SP, 2010.

CLAVIN, Patricia. **Como a tumba de Tutancâmon enfeitiçou o mundo influenciando a moda após 3000 anos**. BBC Culture. 2019.

(<https://www.bbc.com/portuguese/revista-50270467>) Acesso em: 09/04/2020.

DANCONSKY, Andressa Kikuti. **Hipermídia como potencialidade para o webjornalismo**. Simpósio Internacional de Ciberjornalismo. UFMS - Campo Grande/MS, 2014.

DE MORAES J, Vaniucha; IJUIM, Jorge Kanehide. **O jornalismo literário de Realidade (1966-1968)**. Revista PJ:Br. Universidade de São Paulo, 2009.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil**. Editora Vozes, Petrópolis, 1977.

FONSECA, Ana Graciela Fernandes da. **A ascensão dos dispositivos móveis e seus usos no ensino-aprendizagem**. Encontro Internacional de Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva (EITCC), São Paulo-SP, 2014.

GAMBARRA, Rafaela Alves. **ARRUAR: A produção de um site de jornalismo independente utilizando a estética do Jornalismo Literário**. Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Federal da Paraíba, 2016.

GOMES, Wilson. **Fato e interesse. O fato jornalístico como problema**. In: Textos, nº 26, (1991a): 24-32.

MACHADO, Elias. **La estructura de la noticia en las redes digitales**. Tese Doutoral. Barcelona: UAB, 2000.

MORAES, J. V.. **Hipertextualidade: O 5º princípio do jornalismo na era digital**. Canavilhas, R (Org.). Livros LabCom Covilhã, UBI, 2014.

LEAL, José. **A imprensa na Paraíba**. João Pessoa: A União, s/d;

LIMA, Alceu Amoroso. **O Jornalismo como Gênero Literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

LONGHI, Raquel Litter. **O “turning point” da grande reportagem multimídia**. 2014.

LÓPEZ, Xosé; OTERO, Marita; PEREIRA, Xosé; GAGO, Manuel. **El &uevo profesional y las nuevas profesiones**. In: JIMÉNEZ, Antonio García e RUBIO, Paloma Rupérez (org.). Aproximaciones al periodismo digital. Madrid: Dykinson, 2007.

LORENZ, M. **Personalização: O 2º princípio do jornalismo na era digital**. Canavilhas, R (Org.). Livros LabCom Covilhã, UBI, 2014.

FAMECOS, Mídia, Cultura e Tecnologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-SP, 2014.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na Web**.

NÓBREGA, Lyéde Ruggero de Barros. **Educar com Contos de Fadas: Vínculo entre a realidade e fantasia**. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

PALACIOS, M. **Marginal notes, zeitgeist and memory of the present time: readers comments in cyberjournalism**. Brazilian Journalism Research, Vol. 8, Brasília: SBPJOr, 2013

PAVLIK, J. V.. **Ubiquidade: O 7º princípio do jornalismo na era digital**. Canavilhas, R (Org.). Livros LabCom Covilhã, UBI, 2014.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PEREIRA, Patrícia Resende. **Diálogos entre poesia e jornalismo nas páginas da Revista Piauí**. Florianópolis/SC, 2013.

PEREIRA, Andreza Silva; GUSHIKEN, Yuri. **A construção da personagem como recurso de humanização no Jornalismo Literário**. SBPJor - 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Universidade de São Paulo (USP), 2017.

PISONE, Amanda Farias; COUTO, Nadia. **O jornalismo literário na plataforma digital: as grandes reportagens de Eliane Brum na internet**. Faculdade SATC. Criciúma/SC, 2014.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A história do seu tempo. A imprensa e a produção do sentido histórico**. Dissertação de mestrado. ECO-UFRJ, 1995.

ROST. **Interatividade: O 4º princípio do jornalismo na era digital**. Canavilhas, R (Org.). Livros LabCom Covilhã, UBI, 2014.

RUSËN, J. **Reconstrução do Passado – Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica**. Trad. Asta-Rose Alcaide e Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. da UNB, 2007

SEIFERT, H. **Personalização: O 6º princípio do jornalismo na era digital**. Canavilhas, R (Org.). Livros LabCom Covilhã, UBI, 2014.

SALAVERRÍA, Ramon. **Redacción periodística en Internet**. Eunsa, Pamplona, Espanha, 2005.

SANTOS, Cibelly Correia. **Livro-reportagem: Uma proposta de criação de perfis de artistas paraibanos a partir do Jornalismo Literário**. Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Federal da Paraíba, 2016.

TALESE, Gay. **Fama e anonimato**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.

TUCHMAN, Gaye. **A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas**. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo. Questões, teoria e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993: 74-90. (Comunicação e Linguagens).

VERÓN, Eliseo. **Construir el acontecimiento**. Gedisa. Barcelona-ESP, 1995.

WHITE, David Manning. **The Gate-keeper Le sélectionneur: étude sur la selection des nouvelles**. In: BALLE, F. e PADIOLEU, J.C. (orgs.). Sociologie de l'information. Paris: Larousse, pg. 203-214.

WOLFE, Tom; JOHNSON, E.W. **The New Journalism: an anthology**. Editora Harper and Row. Estados Unidos, 1975.

ZIZEK, Slavoj. **Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito**. Editora Schwarcz. Londres-UK, 2010.

APÊNDICE 1 – Texto da reportagem

OS GUARDIÕES DE SÃO FRANCISCO

1 - Guardador de carros e de igrejas

“Pode vir, meu patrão. Venha mais, venha mais. Aí, tá bom! Tá em ordem aí, viu, meu patrão. Quer dar uma lavadinha nele?”

“Quero não, meu amigo. Deixa pra próxima...”

“Valeu, meu patrão. ‘Tamo’ de olho aí.”

O sol de quase 35° de uma primavera esturricante em João Pessoa não tira a disposição do guardador de carros Antônio Mendonça. É um corre-corre, um balançado de moedas no bolso e um suor que escorre pela barba rala do guardador. Isso mesmo: guardador. E aí de quem chamar de ‘flanelinha’.

“‘Samo’ trabalhador igual a qualquer outro. O senhor não trabalha lá no jornal? Pronto, a gente trabalha aqui na rua”.

Antônio não parecia muito interessado em conversar comigo. Afinal, em plena quinta-feira, às 12h, o movimento em frente à Igreja São Francisco estava mais borbulhante do que nunca. Mas nada que uma nota de cinco reais não o tornasse mais cooperativo.

São 37 anos de idade, mas a falta de protetor solar lhe deu pelo menos mais uns cinco em seu rosto enrugado. Natural de João Pessoa, Antônio foi criado no bairro do Róger, justamente onde ele trabalha até os dias de hoje. E por falar nisso, o bairro de nascença de Antônio e os circunvizinhos Varadouro e Centro são os grandes responsáveis pelo ganha-pão do guardador. Antônio é daquelas pessoas espirituosas e desenroladas. Que dão nó em pingo d’água.

“Eu já trabalhei de pedreiro, padeiro, vendedor, carregador de feira, servente e agora tô de guardador. Eu sou igual a BomBril: 1001 utilidades! (risos)”.

Com o sorriso sem muito brilho, sem muitos dentes, mas com muita sinceridade, ele fez amizades que o ajudam nas batalhas diárias.

“Ele trabalha aqui comigo faz uns cinco anos, a gente divide os carros pra lavar, um olha o carro do outro e a gente vai fazendo um dinheirinho”.

É o que diz Sandro da Silva, de 55 anos e também guardador de carros.

Os ônibus recheados de turistas e os carros de passeio que estacionam na Ladeira São Francisco, no bairro do Varadouro, são literalmente os frutos do sustento de Antônio. Mas apesar disso, o guardador também foi mais um dos que sofreu com pandemia de covid-19. E nesta realidade, não há auxílio que chegue. Antônio não tem documentos e nem mesmo um smartphone para solicitar o benefício.

“Aqui é aquela história: onde tem carro, tem dinheiro. Mas nesse tempo agora que a Igreja ficou fechada foi ruim demais pra gente. Eu tava até pagando um aluguel, mas tive que voltar pra rua porque não consegui mais pagar. Eu tava me organizando e consegui até alugar uma pousada pra ficar de noite”.

Antônio tem uma consciência política e social, que embora baseada em um pensamento individual, de interesse próprio, faz total sentido para um ser humano que vive naquela realidade. Ele entende perfeitamente o papel que o ponto turístico tem em sua vida e como, somente através dele, é possível colocar pão na mesa de casa. E para isso, ele guarda muito mais do que os carros estacionados indevidamente nas calçadas, mas Antônio, que tem nome de santo, torna-se um guardião de São Francisco.

“A gente cuida dessa Igreja aqui porque a gente depende dela. Se não tiver gente visitando, não tem dinheiro pra gente dá de comer pra nossos filhos. Às vezes eu vejo uns ‘nóia’ que fica fazendo bagunça aqui no pátio, que fica jogando lixo aqui na frente... Eu mesmo vou lá e tiro. Eu já cansei de ver turista chegando aqui e indo embora com medo do ‘caba’ que fica fazendo bagunça aí na frente. Quando eles não saem, a gente chama a GCM (Guarda Civil Municipal) para tirar o pessoal. Aí a chinela canta. Todo mudo conhece a gente aqui por isso”.

A relação dele com o local é tanta que o guardador e sua família moravam em um prédio abandonado que fica exatamente em frente o Centro Cultural. Ali, o acesso aos carros e, conseqüentemente ao dinheiro, ficava mais fácil. O edifício, caindo aos pedaços, era o lar de Antônio, sua esposa, Cleide, e seus quatro filhos: Carlinhos, André, Anthony e Miguel. Dentro do prédio abandonado, a vida era dura, mas razoável. Até o dia 15 de setembro de 2019.

Era por volta de 23h. Antony estava deitado sobre um colchão velho jogado no canto do quarto enquanto chupava uma chupeta. André e Carlinhos aguardavam ansiosamente a chegada dos membros da Comunidade Filhos da Misericórdia. Ao longo da noite diversos voluntários servem sopa e outros alimentos aos moradores de rua dos bairros do Centro,

Varadouro e Rangel. Naquele dia específico, duas comunidades já haviam deixado pães e quentinhas recheadas de cuscuz para a família de Adriano. Com Miguel no colo, Cleide se deliciou com aquele prato cheio da delícia amarela e nordestina. Mal sabia que era sua última refeição.

Enquanto esperava a chegada dos Filhos da Misericórdia, Antônio já estava recolhido. No mesmo colchão de Antony. Todos os membros da família se espremiavam ali para dormir. O cômodo sujo, com chão de terra batida, sem energia elétrica e com cheiro de mofo se mostra um ambiente perfeitamente hostil. Mas o amor dos pais pelos filhos fazia brotar um aconchego que passava despercebido diante da pobreza do local.

“Eu ainda vou tirar vocês dessa situação. Vocês estudem pra não passar pela mesma dificuldade que a gente passa, viu?”

Confidenciou Cleide aos seus pequenos.

“Cleide, desce aqui!”

A mãe ouviu o chamado, e apesar de não reconhecer a voz, desceu às pressas pensando em mais uma quentinha de cuscuz. Carlinhos veio pregado na barra de sua roupa. Não eram os Filhos da Misericórdia, mas os Filhos da Morte.

Com três disparos no rosto e um barriga, Cleide encontrou-se com o único mal irremediável. Cumpriu sua sentença.

Não quis entrar em muitos detalhes sobre os motivos que levaram ao crime. Mas infelizmente, a violência urbana é mais um dos elementos que compõe o Centro Histórico de João Pessoa. Eu mesmo já fui alvo desta violência e tive um aparelho celular roubado há poucos metros da casa onde Cleide foi assassinada. E essa mesma violência foi o primeiro tema de minha conversa com o próximo guardião de São Francisco.

“Rapaz, que susto da porra, pensei que tu ia levar meu celular”

2 - O malandro consciente

“É porque você sabe como é aqui. De vez em quando aparece um ‘coisa-ruim’ querendo roubar alguma coisa nossa”.

Eu disse pra ele não se preocupar que a única coisa que queria dele era sua história. Apenas. Thales Veloso é aquele típico perfil malandro. Guia turístico há mais de 20 anos, aprendeu desde cedo a convencer as pessoas pelo discurso. A convivência com pessoas de

diversos estados e países deu a ele um sotaque meio carioca meio pernambucano. O traje também contribui bastante para a primeira impressão: camisa com proteção UV com mais patrocínios que um time de futebol da segunda divisão do Campeonato Paraibano, uma bermuda cargo com bolsos à granel, um óculos escuro cheio de suor e areia e uma bota cano curto impregnada de lama.

Os dentes amarelados de café e o rosto bronzeado revelam um homem de seus quarenta e muitos anos. Mas é só ele abrir a boca pra todo aquele espírito jovial entrar em cena com seu sotaque.

“Opa, madame. Vamos fazer passeio com a família hoje? Picãozinho, Coqueirinho, Areia Vermelha, Centro Histórico, Praia do Jacaré. Segurança e qualidade no serviço...”

“Hoje não, meu amigo”.

“Tá bem, madame. Tome aqui o meu cartão. ‘Tamo’ às ordens, qualquer coisa, é só falar”.

Enquanto ele abordava os poucos turistas que se aproximavam do Centro Cultural, o abordei para entender um pouco mais da relação de Thales com aquele local. O guia se mostrou meio tímido até eu me apresentar como jornalista e depois de ele ter a certeza que eu não ia assaltá-lo. A partir daí, toda a malemolência e jovialidade de Thales entrou em ação.

“Essa igreja aí é meu ganha-pão. Eu levo turista para todos os lugares da cidade. Tenho uma empresa pequena. Eu e meu sócio, na verdade. A gente faz passeios e pelo menos quatro vezes na semana estamos aqui trazendo turistas de tudo que é canto. Pode ter certeza que se esse ingresso que eles pagam pra entrar aí ajuda a manter esse prédio de pé, é graças aos guias turísticos”.

A leve condescendência de Thales cai por terra quando pergunto se ele já entrou no Centro. Mesmo conhecendo tão bem aquele pátio onde aborda turistas, onde conta histórias sobre o cruzeiro construído em frente a igreja, onde joga conversa fora com flanelinhas como Antônio e Sandro... Mesmo com tudo isso, ele nunca entrou no Centro Cultural!

“Você vai pro casamento de minha prima né, Thales?”

“Eu vou nada. Tu nem gosta dela, só vai porque fica feio. Onde já se viu?”

“Mas é questão de consideração! Ela tá gastando um dinheiro grande nessa festa lá na Igreja de São Francisco, que tu sabe que é caro...”

“Vou deixar pra próxima”

O casamento da prima da esposa foi a vez que Thales chegou mais próximo de pisar no Centro, mas mesmo assim, ele passou o convite.

Ele não quis, mas eu não rejeitei a oportunidade. Caminhei os 130 metros que separam a rua da porta principal do Centro Cultural, em um agradável calor de 35 graus e entrei pelas portas barrocas do grande prédio.

A vanguarda arquitetônica que se sobressai na fachada do Centro é a Barroca. Apesar disso, algumas formas artísticas das paredes internas e externas têm influências do Rococó, vanguarda francesa que traz basicamente as mesmas características do Barroco, mas com traços leves e intimistas. É possível perceber essa união em diversos detalhes da fachada principal. Além disso, por ter sido erguida por índios e escravos nativos, é possível perceber detalhes da própria cultura brasileira, como frutas e cocares.

As colunas que compõem a lateral desta reportagem são projeções idênticas às encontradas na fachada do Centro Cultural. Os azulejos representando as estações da Via Crucis, também.

A estrutura começou a ser erguida em 1588, pouco tempo após a chegada dos portugueses nestas terras. Inicialmente, funcionava como mosteiro para frades franciscanos. A obra demorou 200 anos pra ficar ser finalizada. Quem viu começar, não viu terminar.

Passei pelas portas barrocas e já fui recebido por seu Augusto, que conversava com seus funcionários.

“Tem que mandar Adriano e os meninos limparem o salão de cima e dar uma olhada na reserva. Vamos mudar a exposição na semana que vem”.

“Tá bom, seu Augusto”

“Eu tô indo lá pra minha sala mais o jornalista. Depois passe lá”.

3 - Augusto dos Santos

A sala de seu Augusto fica no segundo andar do prédio principal do antigo Mosteiro, bem em cima da Capela de Santo Antônio e ao lado da Capela de São Francisco, as únicas duas que compõem o complexo. No andar do seu Augusto, existe um grande salão para exposição de arte. Aqui, as obras sacras dão lugar à arte popular. Diversas obras de artistas plásticos e pintores brasileiros tomam conta do grande salão de piso de madeira.

Ao fim do corredor de obras, está a Administração. A mesa de seu Augusto é ampla e nem um pouco organizada. Ele divide o espaço com os secretários Jonas e Iara, que o ajudam na administração do Centro Cultural. É interessante notar que esta sala é o contraste perfeito

entre tecnologia, representada pelo sistema de monitoramento de câmeras que fica exposto na parede, e pelo arcaico, contemplado nas obras sacras que enfeitam o local.

Logo após meu primeiro encontro com José Augusto de Moraes, diretor cultural do Centro Cultural São Francisco, percebemos que ele não é uma figura das mais simpáticas e dispostas a conversar. Mas seu entendimento e intimidade com aquela estrutura fazem o papo fluir.

Augusto era técnico administrativo da Universidade Federal da Paraíba, lotado no Centro de Comunicação, Turismo e Artes. Então, na década de 80, quando o Centro Cultural passaria por uma extensa reforma, o jovem Augusto fora convocado a participar do ‘mutirão’ para coordenar a restauração do local. Ele não pensou duas vezes. Daquele dia em diante, Augusto passou a cuidar daqueles santos e obras de arte como fossem peças de sua própria casa. Segundo o diretor, quando chegou ao antigo Mosteiro, o local estava sujo, velho e com muitos problemas estruturais, causados pelas inúmeras mudanças realizadas ao longo dos séculos. E após anos de entrega e dedicação, o Centro Cultural São Francisco tornou-se o principal cartão-postal da cidade.

E por falar em mudanças, seu Augusto parece realmente envolvido com o local. A começar pelo fator geográfico: ele mora há cerca de 500 metros do local onde trabalha, e faz o percurso à pé, todos os dias. Hoje, no alto dos 77 anos, Augusto não dispensa a máscara para se proteger do coronavírus.

“O jeito vai ser parar tudo, Iara. Teve decreto do Governo suspendendo tudo”.

“E o pior é que acabamos de inaugurar exposição nova...”

“Mas não tem o que fazer. ‘Vamo’ aproveitar esse tempo pra ajeitar o que tá precisando. Vou falar com Adriano pra começar pelo telhado e depois limpar as paredes que tão descascando”.

Fechando as portas pela primeira vez em quase 40 anos, o Centro Cultural aproveitou para cuidar de si mesmo. Sob os amparos de Augusto, as exposições foram renovadas e os problemas que existiam, sanados. Aos poucos, com restrições, as portas foram reabertas no fim do mês de setembro do fatídico ano de 2020. Mas apenas para visitas. Os tradicionais casamentos que acontecem nas duas capelas do Centro só voltarão a ser realizados no ano de 2021.

Ainda falando sobre problemas, uma pergunta sempre paira no ar quando o assunto são velhas estruturas de madeira: os cupins. Afinal, trata-se de um prédio construído a mais de

quatro séculos, cercado de uma vegetação diversa em um clima tropical. Mas nem ouse falar esta palavra perto de seu Augusto.

“NÃO! Aqui não tem cupim. A imunização foi bem feita. Não existe cupim aqui. Temos uma equipe preparada e quando começa a aparecer a gente já tá em cima. Temos altares de madeira de mais de 300 anos que não tem um cupim se quer”.

Augusto sabe bem das histórias e da origem que se escondem dentro das paredes do Centro Cultural São Francisco. O lugar já passou por diversas mudanças ao longo dos séculos. Começou como mosteiro, já foi seminário, escola e até fortaleza de guerrilha. E tudo começou com a chegada dos ancestrais portugueses.

“O Brasil foi nascido pela fé. E com João Pessoa não foi diferente. A Igreja Católica fazia parte da coroa portuguesa, por isso, sempre que chegavam em uma terra nova, além de levar os cristãos-novos, que eram judeus recém convertidos, levavam monges e padres”

Acostumado a documentar os fatos que fizeram parte da história do Centro, Augusto relembra que a primeira igreja construída por essas terras não foi o Mosteiro de São Francisco, mas a Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, que existe até os dias de hoje, e, naquela época, dava nome à cidade.

“Imagina a Paraíba há 400 anos? Era só mato. Não tinha casa, não tinha comércio, não tinha gente. Mas tinha igreja. O mosteiro foi construído para que os monges franciscanos evangelizassem os índios e as pessoas que vieram de Portugal. E ao redor deste local, foi surgindo uma casa ou outra, um comércio ou outro e a cidade foi crescendo”.

É fato que Augusto é parte fundamental de um bom pedaço da história do Centro Cultural São Francisco. Porém, essa história é muito mais antiga do que ele. A sala onde hoje se espalham papéis e documentos na mesa de Augusto outrora deu lugar aos claustros dos monges franciscanos que chegaram primeiro às terras paraibanos. Claustros que, aliás, se sustentam até hoje, mas dessa vez, como parte das exposições culturais.

Mas aí veio o ano de 1634 e, com ele, a invasão holandesa em terras nordestinas. E as paredes que antes guardavam batistérios, bíblias e materiais litúrgicos, passaram a abrigar armas, canhões e munições. Nesta época, a obra ainda nem havia sido 100% completada, mas os neerlandeses trataram de acelerar a construção. Por conta da posição estratégica, próximo

ao Rio Paraíba, o mosteiro se tornou fortificação para as tropas holandesas. Apesar de ter nascido três séculos mais tarde, Augusto relata a invasão com propriedade.

“Aqui tinham pouquíssimas casas. A maioria era das pessoas que vieram trabalhar aqui, os cristão novos e até mesmo alguns índios. Aí os holandeses chegaram com as caravelas aqui pelo Rio Paraíba...”

Enquanto Augusto fala, aponta para a janela que dá visão ao rio. Por um instante, é possível perceber os grandes navios cortando o Paraíba.

“...e logo avistavam o prédio do mosteiro. Então eles nem pensaram duas vezes em construir o forte aqui. Essa foi a primeira das muitas transformações deste local”.

Por falar em mudanças, elas foram muitas ao longo do tempo.

“Pode olhar aqui, essas paredes são todas remendadas. Aqui já teve reforma demais. Depois dos holandeses, o prédio passou pro governo português que deu diversas funções ao prédio: convento, hospital militar, salão de festas... E cada mudança dessa deixa uma marca...”

Mas aí entra mais um personagem nesta história: Dom Aduato, primeiro Bispo do Estado da Paraíba.

“Ele num tinha amor à Igreja não, tinha amor a dinheiro. Era um vendido!”

Em 1894, o prédio voltou para posse da Igreja Católica da Paraíba que transformou o local no seminário para os estudos de padres católicos. E mais uma vez, diversas reformas precisaram ser feitas para adaptar as salas, claustros e locais de estudo dos seminaristas. Mas por que a revolta de seu Augusto?

Dom Aduato, de fato, teve um papel decisivo na configuração das igrejas e das ruas do Centro Histórico de João Pessoa. Isso porque o bispo fez um grande acordo com o governador Walfredo Leal para que cinco igrejas fossem destruídas para a abertura de ruas e avenidas. Supostamente com outros interesses, Dom Aduato aceitou a oferta. Em contrapartida, o Governo construiria outras igrejas para substituir as que fossem postas abaixo. O que de fato aconteceu.

Mas, uma dessas igrejas não foi destruída: o Centro Cultural São Francisco. E não por uma intervenção divina, mas política.

“A gente só não está conversando aqui em cima de uma ruína ou de uma avenida cheia de carros por conta do presidente Washington Luís, que na época, vetou a destruição deste prédio. Aí você se pergunta: o que o presidente tinha a ver com isso? Acontece que ele já

havia vindo aqui e algumas obras e santos aqui do mosteiro tinham sido levadas para o Rio de Janeiro, onde ele morava. Ele soube da intenção de Dom Adauto e Walfredo Leal e interveio”.

O fato é que o Centro Cultural resistiu mais uma vez. Como resiste até hoje.

Em 1964, no estopim da Ditadura Militar no Brasil, o prédio passou a receber alunos do “Ginásio”, o atual Ensino Fundamental. Um anexo foi construído ao lado do Centro, que passou a dar vida ao Colégio Estadual do Róger.

4 - Martim e a baleia

“Martim, você não vai acreditar...”

“O que foi, cara?”

“Tem uma baleia encalhada lá do lado da diretoria?”

“Você só pode tá ficando louco, Carlinhos”

“Pois então fica aí sozinho, que eu vou lá ver...”

A baleia vista por Carlinhos não era de mentira. Embora cético com a informação absurda repassada pelo colega, Martim não aguentou a curiosidade e seguiu Carlinhos atrás da suposta baleia.

A carcaça do animal de quase oito metros jazia fétida em um dos pátios da Escola, que funcionava na parte traseira e lateral da nave do atual Centro Cultural São Francisco. O bicho era enorme e chamou a atenção de todos os alunos que haviam acabado de chegar à escola. Na década de 1970 a pesca da baleia era legalizada em todo o Brasil, e na Paraíba não era diferente. Como o comércio da cidade se concentrava primordialmente no centro da capital, próximo ao Colégio do Róger, alguns comerciantes fizeram um acordo com a direção da escola para deixar o animal “secando” no pátio para que depois os ossos fossem retirados para venda posterior.

A diretora da escola, à época, só não contava com o azedume fétido que exalaria por todo o complexo do local durante cinco dias ininterruptos. A solução não poderia ter sido outra: aulas canceladas.

“Estudei no Colégio Estadual do Róger de 1972 a 1976, da quarta série do primário até a oitava série do colegial. Lembro de muitos fatos marcantes daquela época, mas, sem dúvidas, a carcaça de baleia que foi ‘estacionada’ no pátio principal da escola foi algo marcante. Não só pra mim, mas para vários colegas que estudaram lá nessa época. Ficamos cinco dias sem aula, e quando voltamos já haviam retirado o bicho”, revela o ex-aluno.

Martim Santana da Silva tem 58 anos, é engenheiro e hoje em dia trabalha na cidade de Lauro de Freitas, região metropolitana de Salvador, na Bahia. Mas antes de se formar em engenharia, ele passou boa parte da adolescência por entre os muros do atual Centro Cultural São Francisco. Ali se deu bem em algumas provas, mal em outras, deu o primeiro beijo e marcou o gol decisivo do campeonato interclasses. Morando a apenas 300 metros da escola, seu transporte para assistir às aulas todos os dias eram os próprios pés.

“Topa dar uma olhada no museu?”

“Ah, nem quero. Já fui lá umas 10 vezes. Sabe o que seria massa? Se a gente desce até a fonte, lá embaixo...”

“Sei não, Carlinhos...”

“Vamo lá, só pra ver como é...”

Ao descerem a pequena ribanceira coberta de mato até a Fonte de São Francisco, o único barulho que se escutava era de uma criança ou outra que ainda não havia ido para casa após o fim das aulas. Ao avistar a fonte de longe, Martim sentiu que a tarefa estava cumprida e quis subir de volta para o pátio. Mas Carlinhos ainda não estava satisfeito.

“Vamos, Martim, que ver se conseguimos ver o índia que foi empalada pela vagina há 300 anos! Dizem que o espírito dela ronda aqui pela fonte...”

“Isso é conversa pra boi dormir!”

Conversa para boi dormir ou não, o certo é que na hora em que martim colocou todo seu ceticismo para fora, um arbusto se moveu de maneira estranha próximo à fonte. Os garotos medrosos subiram correndo e prometeram não pisar mais no local.

Hoje, Martim atribui o movimento estranho a um cachorro ou até outro bicho, mas o pequeno Martim sonhou por noites com a índia empalada.

“Sinto saudade daquela paz. Quando soube que parte do colégio foi demolida senti como se fosse a minha própria casa indo ao chão. Afinal, lá passei boa parte de minha vida. Ficava de manhã até de tarde. Passava mais tempo com meus colegas e professores do que com meus próprios pais. Eu não posso fazer nada para preservar aquele lugar. Não tenho nenhuma influência, moro longe... Mas se eu não posso cuidar das paredes, cuido das memórias”

Martim criou um grupo no Facebook onde diversas pessoas que estudaram no Colégio Estadual do Róger mantém contato e trocam experiências e memórias dos tempos de escola. O grupo conta com mais de 200 pessoas e segundo Martim é bem movimentado. “Todo dia tem postagem nova”.

Após o fim da escola que voltou a funcionar na Avenida Monsenhor Walfredo Leal, no centro de João Pessoa, o mosteiro ainda abrigou por um tempo o Teatro Piollin, que funcionava na parte externa do complexo. Mas em 1979, o seu Augusto de Moraes entrou em cena. Convocado junto com uma equipe da Universidade Federal da Bahia para participar da restauração de todas as estruturas do local. Seis anos de muito trabalho depois, em 1985, nasceu o Centro Cultural São Francisco.

As memórias do Colégio Estadual do Roger ficaram para sempre arquivadas nas memórias dos ex-alunos, inclusive da mãe deste repórter que vos escreve, e também no grupo coordenado por Martim. Mas desde então, as aulas e o aprendizado deram lugar à cultura e ao turismo.

5 - Obediência, Pureza e Pobreza

Era uma quinta-feira, dia 4 de outubro. Nesta data, todos anos, é comemorado o Dia de São Francisco de Assis. Em João Pessoa, poucas capelas e paróquias tem como padroeiro o santo italiano conhecido por ser o padroeiro dos pobres e dos animais. Mas naquela quinta-feira, Esmeralda sentiu vontade de ir até a Paróquia de Santa Júlia.

“Boa tarde! Tá aqui a folhinha de cantos”

“Obrigado, minha filha”, agradeceu dona Esmeralda.

Enquanto o padre proferia os ritos litúrgicos e falava sobre a vida de Francisco de Assis, Esmeralda começou a se recordar da própria mãe. Afinal, no alto dos seus 68 anos, Esmeralda ainda guardava lembranças frescas de dona Maria. Franciscana, a mãe de Esmeralda servia na Ordem Terceira dos discípulos de Francisco. Essa ordem, em específico, é destinada a pessoas que são casadas ou têm famílias e empregos, e esta condição os impede de viver a vocação franciscana em seu grau máximo: despedindo-se de todo e qualquer bem e vivendo da providência, na pobreza.

A missa chegou ao fim e dona Esmeralda voltou para casa. Durante o resto do dia ficou pensando na infância e na adolescência que passou servindo no grupo de jovens franciscanos nas paróquias onde a mãe era voluntária. Quando entrou na faculdade, Esmeralda deixou a vocação um pouco de lado, mas nunca esqueceu dos tempos em que era próxima de São Francisco de Assis. O sentimento, que estava adormecido, acordou com um pulo da cama. Após o dia de reflexão, Esmeralda decidiu voltar.

“Não me considero uma voluntária. Aqui vivemos em fraternidade. Quem disse isso não foi eu. Foi São Francisco de Assis. Aqui existem freiras, frades, mas também pessoas casadas. E tem os consagrados, assim como eu, que não se casam”, revela Esmeralda.

Nascida e criada em João Pessoa, a franciscana passou por um longo caminho até ser consagrada da Ordem Terceira. Foram formações e orações que duraram anos. Mas hoje, ela é encarregada de cuidar da capela da Ordem que fica anexa ao Centro Cultural São Francisco. O local foi construído posteriormente à construção inicial do Mosteiro. A capela terminou de ser erguida em 1890. Após a reabertura do Centro Cultural, em 1985, ela passou a ser administrada também pelo Centro.

Apesar disso, os franciscanos que eram responsáveis pelo local, como dona Esmeralda, seguem atuando na parte administrativa e financeira da capela, que atualmente recebe cerca de 10 casamentos por mês.

6 - A fé e a cultura

“E se a gente transformar esses claustros que eram usados pelos frades em salas com exposições de arte?”

“Podemos construir uma dessas salas como se fosse o quarto de um franciscano do século XVII.”

“Perfeito.”

Foi com este diálogo entre Augusto de Moraes e um de seus funcionários que uma das principais atrações do Centro Cultural São Francisco tomou forma. Após a reabertura em 1985, o segundo andar do complexo passou a ser destinado a exposições culturais de artistas locais. Com o passar dos anos, o leque foi ampliado e as obras passaram a abranger artistas de todo o território nacional.

“Nessa última exposição dentro dos antigos claustros decidimos homenagear diversas manifestações religiosas da Paraíba. Tem a Pedra da Boca, a Cruz da Menina, a Procissão da Penha... Também fizemos uma representação de um desses claustros do século XVII. Peguei uns móveis antigos, alguns artigos religiosos com um amigo meu que também é franciscano... Não sei se você sabe, mas as roupas deles sempre são iguais. Da época de São Francisco até hoje. E daí surgiu essa exposição”, revela Augusto.

A voz de Vanessa ocupava todo o espaço do segundo andar do Centro Cultural São Francisco. Ela também se fazia presente desde o pátio principal do antigo mosteiro. Como um rato que sente o cheiro do queijo, qualquer pessoa que entrasse naquele lugar seria guiado de maneira quase automática até o local onde o grupo Sons da Igreja estava tocando. Ao som da música Halleluya, a voz de Vanessa Sousa, guiada pelo acordeon de Gilbervânio Lima e pela flauta transversal do maestro Geraldo Rocha, ocuparam não somente o recinto, mas o coração de qualquer pessoa que pisasse naquele local. As paredes estremeciam a cada acorde e com elas, os pêlos dos nossos braços se eriçavam.

A música do trio forma o encontro perfeito entre cultura e fé. Talvez esta seja a síntese de tudo o que representa o Centro Cultural São Francisco. Um casamento perfeito entre História, Religião e Arte. Duvida? Escute por si só: